

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
NÍVEL MESTRADO**

**ANELISE FABIANA PAIVA SCHIERHOLT**

**A produção de biojoias no Norte do Brasil:  
Como as sementes são ressignificadas em redes de sustentabilidade**

**São Leopoldo  
2019**

ANELISE FABIANA PAIVA SCHIERHOLT

**A produção de biojoias no Norte do Brasil:  
Como as sementes são ressignificadas em redes de sustentabilidade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. José Rogério Lopes

**São Leopoldo**

**2019**

S332p Schierholt, Anelise Fabiana Paiva.  
A produção de biojoias no Norte do Brasil : como as sementes são ressignificadas em redes de sustentabilidade / Anelise Fabiana Paiva Schierholt. – 2019.  
91 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestre) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2019.  
“Orientador: Prof. Dr. José Rogério Lopes.”

1. Biojoias. 2. Cooperativa Açaí. 3. Justa trama. 4. Redes de sustentabilidade. I. Título.

CDU 3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

ANELISE FABIANA PAIVA SCHIERHOLT

**A produção de biojoias no Norte do Brasil:  
Como as sementes são ressignificadas em redes de sustentabilidade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em \_\_\_\_/04/2019.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Rogério Lopes (Orientador) - UNISINOS

---

Profa. Dra. Marília Veríssimo Veronese - UNISINOS

---

Prof. Dr. Rodrigo Marques Leistner (FURG)

Aos meus pais Anildo e Dulce Paiva  
Minhas irmãs Andréa e Adriana  
Meu esposo EneDir e  
Meus filhos Cristian, Alana e Amanda.

## **AGRADECIMENTOS**

A CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior por possibilitar a realização deste Mestrado.

A todas (os) participantes desta pesquisa, em especial as associadas da Cooperativa Açai.

Ao grupo de pesquisa LaPCAB, Adimilson, Maria Cláudia e Mauro, pelas grandes contribuições para o aprimoramento deste estudo.

Ao meu orientador José Rogério Lopes pela paciência e compreensão, especialmente nos últimos meses. Sem esse apoio teria sido quase impossível concluir essa dissertação.

E por fim, agradeço às minhas amigas da Unisinos pra vida: Thaís, Cris, Suélen e Angélica. O carinho e cuidado que cada uma tem me dedicado tem sido o alento para as dificuldades deste percurso.

**MUITO OBRIGADA!**

*“[...] eu nasci, nasci no seringal, [...] minha mãe e meu pai era seringueiro, até no meu registro tá lá Seringal Rio Cautário é o que tá escrito no meu registro né. Então, meu pai e minha mãe casaram e foram morar no seringal, meu pai cortava seringa e fazendo a travessia de um povoado pra outro, que nós morava numa colocação, Três Maria, que fica dentro do rio Guaporé. Pra chegar na nossa colocação, colocação é... vou te explicar: colocação é onde o seringueiro reside, mora, a casa do seringueiro, chama colocação porque ele é colocado lá sabe, e o dono do seringal pega e coloca e botaram o nome de colocação porque é lá que se coloca o seringueiro pra cortar a seringa. Então, minha mãe grávida de mim de sete meses foram comprar a produção, o produto pra casa que tem que viajar longe pra ir comprar leite, farinha, essas coisa que, perfume que minha mãe gostava muito [...], então nessa viagem, eu de sete meses nasci, nasci dentro da canoinha, só minha mãe e os boto. Minha mãe me conta que os boto, eles, pra canoa não ficar descendo o rio, os boto seguraram a canoa e guiaram a canoa sabe? Agora você imagina só, que que é um animal, ele vê uma mulher tendo bebê dentro de uma canoa e eles não deixaram a canoa seguir, descer o curso do rio, eles guiaram a canoa até minha mãe, meu pai consegui volta pá atacar na canoa de minha mãe, que ela tava demorando né, pra levar ela pra casa, e eu nasci lá no meio do rio Guaporé, não nasci na cama, não nasci na maternidade, nasci no meio do rio eu não sei, até hoje eu me pergunto: Porque que eu nasci no meio do rio, não sô da terra nem da água, eu sou dos dois [...] Então é por isso que eu acho que eu tenho essa minha... o pessoal fala que eu sô uma pessoa muito hiperativa, sô muito ativa em tudo, em tudo que me meto dá certo sabe? É porque eu acho que sô regida pela mãe da água, ela que foi a minha protetora né [...]” (Entrevista realizada por Fanny Longa Romero em 2013).*

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo abordar e discutir os arranjos associativos estabelecidos pelas artesãs e artesãos de biojoias, ecojoias e bonecas no trabalho coletivo das artesãs da Cooperativa Açaí de Porto Velho-RO, visando reconhecer suas articulações em redes de sustentabilidade nacionais e locais. Na confecção dos artefatos são utilizadas sementes, locais e regionais e fibras do bioma amazônico, além de fios, tiras e tecidos de algodão agroecológico da Justa Trama. As articulações operadas pela Cooperativa são marcadas pelas percepções ambientais de sustentabilidade e compromissos identitários. Esses compromissos expressam princípios de organização das ações para a efetivação de redes de sustentabilidade. Além disso, a produção de biojoias e ecojoias geram representações de diversidade e reforça a construção da identidade amazônica, já a produção de bonecas implica repensar o trabalho em coletividade. Esta pesquisa foi desenvolvida com metodologia de pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica. A observação direta dos fenômenos pesquisados resultou em elaboração de caderno de campo, realização de entrevistas semiestruturadas, bem como produção de vídeos e fotografias dos contextos em que os sujeitos estão situados.

**Palavras-chave:** Biojoias. Cooperativa Açaí. Justa Trama. Redes de sustentabilidade.



## **ABSTRACT**

This thesis aims to discuss the associative arrangements established by the artisans of bio jewelry, eco jewelry, and dolls in the collective work of the artisans from the Açaí Cooperative at Porto Velho, (Roraima state in Brazil) trying to recognize their combinations in national and local sustainability networks. The artifacts production took local and regional seeds and fibers from the Amazon biome, as also agroecological cotton streams, stripes, and fabrics from Justa Trama. The combinations operated by the Cooperative disclose perceptions of environmental sustainability and identitarian commitments. These commitments express the organizing principles for realizing the sustainability networks actions. Furthermore, bio jewelry and eco jewelry productions generate diversity representations and reinforce the built of an Amazon identity. Meantime, dolls production implies in rethinking the collective work. This research used a qualitative research methodology with an ethnographic approach. The direct observation of the researched phenomena resulted in the elaboration of a field journal, the realization of semistructured interviews, as well as the production of videos and photographs about the context in which the subjects are.

**Key-words:** Bio jewelry. Açaí Cooperative. Justa Trama. Sustainability networks.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Ecojoias.....	16
Fotografia 2: Prédio e vitrine da loja da Cooperativa.....	22
Fotografia 3: Prédio e vitrine da loja da Cooperativa .....	22
Fotografia 4: Cachoeira de Teotônio .....	23
Fotografia 5: Banner Lenda do Açaí .....	24
Fotografia 6: Porto Velho .....	30
Fotografia 7: Rio Madeira .....	31
Fotografia 8: Estrada de Ferro .....	31
Fotografia 9: Caixas d'água .....	32
Fotografia 10: Trem .....	32
Fotografia 11: Sede da Justa Trama em Porto Alegre .....	40
Fotografia 12: Sede da Justa Trama em Porto Alegre .....	40
Fotografia 13: botões de sementes e suas aplicações .....	41
Fotografia 14: botões de sementes e suas aplicações .....	41
Fotografia 15: botões de sementes e suas aplicações .....	41
Fotografia 16: Bonecas produzidas na Cooperativa .....	42
Fotografia 17: Peças de biojoias de sementes e de vestuário da Cooperativa produzidas com algodão ecológico.....	43
Fotografia 18: peças de biojoias de sementes e de vestuário da Cooperativa produzidas com algodão ecológico.....	43
Fotografia 19: Nova decoração da loja.....	48
Fotografia 20: Nova decoração da loja.....	48
Fotografia 21: localização do Distrito de São Carlos do Jamari, em relação a Porto Velho .....	51
Fotografia 22: Rio Jamari, Zico e seu barco Salmo 23.....	51
Fotografia 23: Mesa com bancos à beira do rio.....	56
Fotografia 24: Campo de futebol.....	56
Fotografia 25: Produção de tapioca.....	56
Fotografia 26: Bombons de castanha produzidos por Rita.....	56
Fotografia 27: Local das reuniões do MAB e demais associações locais.....	58
Fotografia 28: Local das reuniões do MAB e demais associações locais.....	58
Fotografia 29: Logo da loja Floresta e visão interna.....	61

Fotografias 30: Logo da loja Floresta e visão interna.....	61
Fotografia 31: Ecojoias criadas pelas artesãs Marina e Cristiane .....	62
Fotografia 32: Peças feitas por Giovani.....	63
Fotografia 33: Visão parcial da vitrine da loja no aeroporto .....	64
Fotografia 34: Parque Natural Municipal onde foi construído o Polo da Cooperativa.... .....	65
Fotografia 35: Interior do Parque Natural e o Polo em construção.....	66
Fotografia 36: Interior do Parque Natural e o Polo em construção .....	67
Fotografia 37: Encomenda de Giovani de peças de jarina produzidas artesanalmente por Rui.....	77
Fotografia 38: Ecojoia e biojoia.....	77
Fotografia 39: Ecojoia e biojoia.....	77
Fotografia 40: Ecojoias expostas na loja da Cooperativa.....	78
Fotografia 41: Ecojoias expostas na loja da Cooperativa.....	78
Fotografia 42: Ecojoias expostas na loja da Cooperativa.....	78
Fotografia 43: Ecojoias expostas na loja da Cooperativa.....	78
Fotografia 44: Ecojoias expostas na loja da Cooperativa.....	78
Fotografia 45: Ecojoias expostas na loja da Cooperativa.....	78
Fotografia 46: Bonecas, fevereiro de 2016.....	81
Fotografia 47: Bonecas, fevereiro de 2016.....	81
Fotografia 48: Bonecas, agosto de 2016.....	81
Fotografia 49: Bonecas, fevereiro de 2017.....	82
Fotografia 50: Bonecas, julho de 2018.....	82

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>2. A COOPERATIVA AÇAÍ, A CIDADE E AS MULHERES .....</b>	<b>21</b>
2.1 COOPERATIVA AÇAÍ .....	21
2.1.1 SEBRAE .....	26
2.2 A CIDADE .....	28
2.3 AS MULHERES .....	33
<b>3. TRABALHO COOPERADO, CADEIA JUSTA TRAMA, SUSTENTABILIDADE E REDES DE SUSTENTABILIDADE .....</b>	<b>37</b>
3.1. JUSTA TRAMA.....	38
3.2 REDES LOCAIS .....	44
3.2.2 Comunidades ribeirinhas .....	47
3.2.3 Hidrelétricas e MAB-Movimento dos Atingidos por Barragens .....	56
3.2.4 Loja Aeroporto.....	60
3.2.5 O Polo de beneficiamento de sementes.....	64
3.3 SUSTENTABILIDADE E REDES DE SUSTENTABILIDADE .....	68
<b>4. DA COLETA DE SEMENTES AOS PRODUTOS DA COOPERATIVA.....</b>	<b>72</b>
4.1. SEMENTES.....	72
4.2 BONECAS .....	79
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO A - TÍTULO DO ANEXO.....</b>	<b>90</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A dissertação aqui apresentada tem como objetivo abordar e discutir os arranjos associativos estabelecidos pelas artesãs e artesãos de biojoias e ecojoias associadas (os) à Cooperativa Açai de Porto Velho-RO, visando reconhecer suas articulações em redes de sustentabilidade nacionais e locais.

A oportunidade em pesquisar este tema relaciona-se com a minha trajetória acadêmica construída nesta universidade desde a graduação. Em 2014, com minha participação como bolsista de iniciação científica, ingressei no projeto “Colecionismo, agenciamentos coletivos e patrimônios culturais”. Com o término deste projeto em 2015, passo a integrar o grupo de pesquisa do Laboratório de Políticas Culturais e Ambientais no Brasil: gestão e inovação – LaPCAB<sup>1</sup>, no projeto intitulado “Políticas Culturais e Ambientais, Comunidades e Patrimônios no Brasil: Algumas Questões Epistêmicas”.

Desde seu início (2010/2013) foram investigadas 33 coletividades e comunidades constituídas nos critérios da pesquisa, distribuídas em 17 estados do país. A partir dos dados coletados e analisados nesta etapa, foram elaboradas três questões epistêmicas: Biodiversidade e diversidade cultural; A disjunção entre a sociedade instituída e a ação instituinte dos atores; Identidade ou grife? Da cultura como recurso à cultura como marca registrada. Na segunda fase (2014/2017) foram visitadas 10 coletividades e comunidades em 4 regiões do país. Estas visitas foram orientadas e estruturadas nas questões epistêmicas referidas acima e buscaram ampliar as possibilidades de reflexão sobre dados empíricos coletados.

É neste período que se dá meu primeiro contato com a Cooperativa Açai. Durante os trabalhos realizados na iniciação científica, recebi os materiais de pesquisa da primeira incursão à Cooperativa Açai (09/2013) realizada pela pesquisadora Fanny Longa Romero (PNPD/CAPES/PPGCS/UNISINOS): relatório, imagens, vídeos e entrevistas, as quais transcrevi. No trabalho com esse material, tive meu primeiro contato com os sujeitos pesquisados. As primeiras impressões adquiridas nos processos de organização do material para o banco de dados, em especial o conhecimento proporcionado pelas transcrições de entrevistas gravadas

---

<sup>1</sup> O LaPCAB tem como objetivo “investigar as trajetórias e práticas de coletividades e comunidades de atores produtores de bens identitários ou de marcação social, que se reconhecem em um contexto ambiental determinado e que utilizam, nas suas atividades, tecnologias patrimoniais que integram as percepções locais de cultura e ambiente (LOPES, TOTARO, 2016, p.2).

em vídeo (ao escrever suas falas, conhecer os tons das vozes, sotaques, perceber as expressões faciais) me conduziram a um sentimento de simpatia por aquelas pessoas e, conseqüentemente, uma primeira aproximação mesmo que somente de minha parte.

Todo esse processo se tornou visível na visita de campo que realizei, onde ocorreu a intensificação de toda uma experiência iniciada lá nos cuidados com o material coletado e experimentada nas relações instituídas pelo próprio contexto do campo etnográfico. É neste contexto que está inserida minha primeira incursão à Cooperativa, no período de 14 a 19 de fevereiro de 2016, para coleta de dados por meio de observação direta, para compor a 3ª etapa de pesquisa do Laboratório. No quadro das coletividades pesquisadas, está situada a Cooperativa de Produção e Comercialização de Artesanato de Rondônia, de nome comercial Cooperativa Açaí, objeto deste estudo. Localizada na região norte, no estado de Rondônia e na capital Porto Velho, esta coletividade se manteve como campo de interesse das pesquisas do LaPCAB, desde a primeira fase. Tal interesse se iniciou pela abordagem relacional entre biodiversidade e diversidade cultural manifestada nos processos de coleta e beneficiamento de sementes para a produção de biojoias. Como nos demais casos estudados pelo LaPCAB, na região norte do país, a reprodução da biodiversidade mostrava-se afetada pela expansão de monoculturas de algumas espécies, como o Açaí. No caso específico dessa Cooperativa, essa expansão estava registrada no próprio nome. Na segunda fase da pesquisa, a abordagem se deslocou para as interações em rede, nas quais a Cooperativa captava recursos e estabelecia parcerias produtivas e comerciais. Esse deslocamento de abordagem se operou desde o impacto de transformações causadas por grandes empreendimentos no estado de Rondônia. Por exemplo, a construção da Hidrelétrica de Santo Antônio (2012), no Rio Madeira e nas proximidades de Porto Velho, rompeu as redes de sustentabilidade mantidas entre os atores da Cooperativa e comunidades ribeirinhas próximas. Buscando reorganizar essas redes, a participação na cadeia produtiva da Justa Trama se tornou um contexto de permanente reflexividade em torno das atividades desenvolvidas. Na terceira fase de pesquisa, o caso da Cooperativa se manteve, visando abordar as novas representações de valor incorporadas nas biojoias e ecojoias produzidas e comercializadas pela mesma.

Do estudo e aprofundamento dos dados produzidos na segunda fase da pesquisa, elaborei em 2016 o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado

“Cooperativa Açaí, Porto Velho, RO: Uma análise a partir das trajetórias de seus associados”, no qual foi abordado o tema das trajetórias biográficas das artesãs e artesãos da Cooperativa e como essas trajetórias implicaram em uma “lógica de interação dentro da Cooperativa” (SCHIERHOLT, 2016, p. 54). No entanto, o material produzido até então trazia outras questões importantes para estudos futuros, na medida em que a pesquisa do LaPCAB se desdobrava nas fases anteriores.

Para além de minha trajetória individual no Laboratório, é ainda necessário enfatizar que diversos campos de pesquisa sobre biojoias foram estudados pelos pesquisadores (as) desde a criação do LapCAB, em 2010. Dentre eles, destaco os demais campos de pesquisas selecionados para o projeto atual, além da Cooperativa Açaí, nos quais a abordagem sobre as biojoias e ecojoias tem foco exclusivo. São eles: em Porto Alegre, RS, na Ilha da Pintada, a Art´Escama- Associação de Artesanato da Ilha da Pintada, que trabalha com beneficiamento de couro e escamas de peixes marinhos e confecções de biojoias desses materiais; em Mateiros, Jalapão, TO, a Associação dos Artesãos da Comunidade do Mumbuca trabalha com capim dourado (*Syngonanthus nitens*) na produção de biojoias e artefatos culturais; em Antonina, PR, a Copescarte- Cooperativa das Trabalhadoras Autônomas da Pesca e Acessórios Artesanais trabalha com beneficiamento das peles de peixes marinhos e confecções de biojoias.

Assim, na transição para a terceira fase de pesquisa do Laboratório, abriu-se a possibilidade de meu ingresso no mestrado, em 2017, com a continuidade nas investigações e a realização de novas incursões em Porto Velho. Em janeiro de 2018 iniciamos os estudos e pesquisas do projeto atual: “Do latente ao manifesto: a produção de biojoias como novas representações de valor e as inovações nas políticas culturais e ambientais”, através do qual realizei minha última ida a campo, em julho de 2018.

Uma vez que as mudanças nas fases de pesquisa do Laboratório ocorreram durante o período do mestrado, neste último ano busquei concluir a coleta dos dados junto às artesãs da Cooperativa Açaí, que logicamente ficou afetada pelas indagações atualizadas nessas mudanças.

Desde o projeto inicial apresentado na seleção para o mestrado, pretendia analisar e discutir em que medida as redes de sustentabilidade estabelecidas pela Cooperativa têm produzido modificações nos processos de produção das peças e na

sua estrutura organizacional, como também nas interações das (os) associadas (os). Para tanto, acreditava ser importante enfatizar que a produção de biojoias, ecojoias e bonecas dessas (es) artesãs (os) estava marcada pela preocupação com o meio ambiente diante de uma relação com a biodiversidade da região amazônica.

Essa perspectiva de análise foi desenvolvida em estudo anterior (LOPES, SCHIERHOLT, 2018) onde destacamos algumas mudanças nessa relação, após a construção da hidrelétrica Santo Antônio. As transformações na região desterritorializaram os atores ribeirinhos, antes próximos da região urbana de Porto Velho, para lugares distantes. Estas mudanças provocaram uma reorganização das redes já constituídas pelas (os) cooperadas (os) gerando uma abertura para ações individuais desses atores. Esse deslocamento<sup>2</sup> colocou a Cooperativa frente a outras possibilidades de aquisição de sementes, que passa então a ser subsidiada e por demanda, estabelecendo assim um repertório de parcerias que são ativadas de maneira estratégica segundo as necessidades dos associados. As mudanças ocorridas produziram reflexividades que justificam a necessidade dessas redes.

Dessa forma, esse contexto nos colocou frente a algumas questões. As parcerias estabelecidas para a aquisição de sementes atendem às demandas sazonais? Há uma preocupação em relação à procedência das sementes? Como isso se evidencia nas redes de coleta e na qualidade das sementes? Que relação as redes de sustentabilidade estabelecem com o valor/preço atribuído aos artefatos? A rede Justa Trama e a Cooperativa inscrevem nos artefatos princípios de marcação social baseados na biodiversidade e diversidade cultural?

Estes questionamentos apresentam as primeiras reflexões que surgiram durante o desenvolvimento deste projeto e que pretendem serem encaminhadas no decorrer da elaboração da dissertação. De qualquer maneira, esses deslocamentos permitem ainda caminharmos segundo a orientação do objetivo geral do projeto inicial, qual seja: Investigar os arranjos associativos decorrentes da produção de ecojoias e biojoias no trabalho coletivo das artesãs associadas da Cooperativa Açaí, de Porto Velho-RO. Porém, importa enfatizar aqui que os objetivos específicos sofreram alterações, na medida em que os mesmos deslocamentos modificaram a

---

<sup>2</sup> Deslocamento é aqui entendido como elaborado por Stuart Hall (apud SOVIK, 2003, p. 12): “Deslocamento [...] é a imagem que Hall faz da relação da cultura com estruturas sociais de poder; pode-se fazer pressões através de políticas culturais, em uma ‘guerra de posições’, mas a absorção dessas pressões pelas relações hegemônicas de poder faz com que a pressão resulte não em transformação, mas em deslocamento; da nova posição fazem-se novas pressões”.



posição dos atores e dos recursos que eles demandam, assim como a reflexividade operada nessas mudanças reorientou a organização das redes de sustentabilidade locais e suas dinâmicas produtivas e comerciais.

Do quadro de objetivos específicos inicialmente estabelecidos, tornaram-se importantes: a) reconhecer os modelos e lógicas de produção de artefatos afetados nas dinâmicas operadas pelas artesãs para a reorganização das redes de sustentabilidade locais; e b) analisar as transformações dos artefatos culturais produzidos pelas artesãs da Cooperativa Açaí, decorrentes das interações produtivas e comerciais estabelecidas pelas mesmas.

Por agora, importa enfatizar que os artefatos produzidos pela Cooperativa (biojoias e ecojoias) eram reconhecidos tradicionalmente como produtos elaborados de forma artesanal por comunidades étnicas ou tradicionais, que utilizavam para sua confecção matérias primas vegetais, oriundas dos biomas de origem das mesmas. Segundo Lopes (2017, p.8) “em sua origem, esses artefatos guardavam uma regular associação com usos cerimoniais (indígenas) [...], para atribuição hierárquica [...], demarcação de ritos de passagem” etc. Contudo, devido às relações que foram sendo estabelecidas entre estes povos e outras populações que também passaram a habitar o território brasileiro no decorrer do tempo, “muitos desses artefatos foram apropriados em novos arranjos culturais, passando a integrarem um conjunto amplo de bens identitários, patrimoniais, de souvenirs turísticos e, mais recentemente, de produtos para os mercados culturais” (LOPES, 2017, p. 8).

Segundo a designação dada pelo SEBRAE-Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2016; 2014), biojoia é “uma peça produzida com a combinação harmoniosa de elementos naturais, agregando-se, em diferentes proporções, metais nobres e pedras preciosas e semipreciosas. Diferenciam-se da bijuteria artesanal tradicional em função do design, do conceito usado na criação e da tecnologia empregada no beneficiamento da matéria-prima” (SEBRAE, 2016, p. 22). Já a ecojoia é um “acessório de moda confeccionado com o reaproveitamento de materiais que seriam descartados, como garrafas PET, alumínio e até papel de revista” (SEBRAE, 2014, p. 2).

Os artefatos da Cooperativa Açaí enquadram-se nesses dois processos: de um lado, há as peças produzidas por populações indígenas, que são deixadas na loja da cooperativa para vender; de outro, há as peças produzidas pelas artesãs, cuja confecção foi estimulada por um curso oferecido pelo Sebrae. Para além

dessas referências, há uma produção híbrida de artefatos, como as peças que a indígena Ilda Karitiana<sup>3</sup> produz.

Dadas essas referências, neste estudo optou-se por utilizar as definições expostas pelas próprias artesãs e artesãos para diferenciar biojoias e ecojoias. Segundo estes, são consideradas biojoias as peças produzidas com sementes, fios, madeira, etc., às quais é adicionado ouro ou prata para agregar maior valor. As ecojoias são peças produzidas com sementes, fibras, fios e madeira, contudo, sem a agregação de prata ou ouro.

Diante dessas problematizações, busco entender como as artesãs produtoras de ecojoias, biojoias e bonecos da Cooperativa Açaí, no norte do país, constituem e estabelecem suas interações, frente a um contexto de mercados culturais, e quais as implicações desses mercados na organização da cooperativa, num contexto local.



Imagem 1: Ecojoias. Fonte: Fanny Longa Romero (2013).

<sup>3</sup> “A Terra Indígena Karitiana apresenta-se como um quadrilátero localizado inteiramente no município de Porto Velho, estado de Rondônia. Uma porção considerável do leste do território homologado incide sobre a Floresta Nacional do Bom Futuro. Com uma população de 333 (Siasi/Sesai, 2014) e família linguística Arikén, os Karitiana constituem um dos muitos grupos do estado de Rondônia ainda pouco estudados pela Antropologia. Nos últimos anos, suas principais batalhas em nome de sua reprodução física e sócio-cultural têm sido a reivindicação do reestudo dos limites de sua Terra Indígena e o investimento na educação escolar, como forma de reforçar o ensino da língua karitiana – a única remanescente da família lingüística Arikém –, bem como de valorização dos costumes e histórias que os particularizam como povo”. Disponível em < <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/karitiana/print>> Acesso em 22.02.2018.

## 1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta pesquisa utilizou para seu desenvolvimento a metodologia de pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica, consistindo de um conjunto de procedimentos estruturados em observação direta dos fenômenos pesquisados, elaboração de caderno de campo, realização de entrevistas semiestruturadas, bem como produção de vídeos e fotografias dos contextos em que os sujeitos estão situados.

A observação direta foi realizada através de viagens para inserção etnográfica. Até a escrita deste texto, ocorreram cinco incursões de pesquisa entre os dias 14 a 19 de fevereiro de 2016, de 08 a 12 de agosto de 2016, 26 a 31 de outubro 2016, 20 a 24 de fevereiro 2017 e 2 a 8 de julho de 2018.

A pesquisa de campo exploratória foi realizada pela pesquisadora Fanny Longa Romero (PNPD/CAPES/PPGCS/UNISINOS) em setembro de 2013. A partir dos dados produzidos por esta pesquisadora e após a análise destes dados, incluindo as transcrições feitas por mim, foi elaborado o planejamento de minha primeira incursão de pesquisa. Este processo foi essencial para o primeiro contato com as associadas e associados.

As inserções em campo acontecem de acordo com o planejamento prévio de viagens e duram cerca de 5 a 7 dias cada uma. Os intervalos entre as inserções tiveram entre 3 meses e 1 ano. Para saber se a data era viável para as pessoas com quem pesquiso, discutimos as datas via *WhatsApp*, normalmente com dona Antônia, que tem mais contato com as demais cooperadas e cooperados. Nos intervalos entre as visitas de pesquisa acompanhei a situação por lá também pela internet, principalmente via *Facebook* das associadas e associados da cooperativa, bem como do *Facebook* de algumas parcerias da cooperativa. Esta foi uma forma encontrada para acompanhar os acontecimentos, mesmo que à distância.

Cabe destacar que desde os primeiros contatos por telefone que antecederam e “permitiram” a inserção no campo a ser observado, a concordância em estar sempre por perto e, após este primeiro contato, já contando com maior confiança das pessoas com quem pesquisamos, surgiram os convites para ir às suas residências, mostrar suas fotografias, objetos que mais gostam. A disposição em acompanhar os sujeitos nos lugares mais distantes acabou por proporcionar

aquelas situações mais informais nas quais os comportamentos se mostraram mais espontâneos. Este processo foi gradualmente aproximando a pesquisadora “dos indivíduos, dos grupos sociais que pertencem a seu universo de pesquisa” (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 59).

Para dar conta das especificidades existentes, lancei mão de diversas técnicas para preencher as lacunas que a distância e as temporalidades distintas podem gerar. Cada incursão a campo apresentou um contexto diferenciado em ambos os lados, então, foi preciso se situar no campo e buscar compreender que cada inserção de pesquisa traz “atores específicos em situações específicas” (VAN VELSEN, 2010, p. 468). As dinâmicas e a heterogeneidade da vida social das pessoas com quem pesquisamos implicaram que não as observássemos de forma generalizante e uniforme.

A análise situacional que orientou esses procedimentos metodológicos é um método de construção/produção de dados do campo estudado que busca apresentar no escopo de análise uma descrição mais detalhada, identificando os sujeitos das “afirmações descritas” (VAN VELSEN, 2010, p. 446). O que está em questão é identificar os interlocutores e situá-los dentro do contexto social pesquisado de forma a dar à descrição um corpus vivo e em movimento.

Nesta perspectiva, foi importante para a composição dos dados levantar informações a partir de diversas fontes sobre o contexto geral do fenômeno estudado e documentá-los (VAN VELSEN, 2010, p. 452).

Uma das suposições na qual a análise situacional está baseada é a de que as normas da sociedade não constituem um todo coerente e consistente. São ao contrário, frequentemente vagas e discrepantes. É exatamente esse fato que permite a sua manipulação por parte dos membros da sociedade com o propósito de favorecer seus próprios objetivos sem necessariamente prejudicar sua estrutura aparentemente duradoura de relações sociais (VAN VELSEN 2010, p. 464).

Complementando a análise situacional, retomei a orientação de Velho (1987), acerca dos arranjos que as experiências biográficas constituem, na forma de um “campo de comunicação”. Se na monografia de Graduação utilizei essa referência para analisar as trajetórias dos cooperados entrevistados, de forma a evidenciar seus códigos comuns, em torno do projeto da Cooperativa, aqui essa orientação

serviu para distinguir, na análise, os elementos biográficos que se mantêm influentes na decisão e nos projetos individuais dos mesmos.

Incursões pela web se mostraram bons canais de aproximação das realidades. Atualmente, boa parte das ações e produções dessas coletividades são registradas e expostas, parcial ou totalmente, por esses meios de comunicação. O advento da informática propiciou que essas coletividades pudessem usufruir desses espaços para exteriorizar seus pressupostos de ação, como também estabelecerem contatos para construção de redes de parceria ou interlocução. Em outro sentido, esta pesquisa é caracterizada também pelo acompanhamento extracampo, sendo assim, os adcionamentos no *Facebook* e *WhatsApp*, especialmente este último, se firmaram como contato principal para atualização dos acontecimentos da Cooperativa e de seus componentes.

O diário de campo foi escrito em vista de ser frequentemente revisitado, de modo a ser “o lugar do corpo a corpo consigo mesmos, ante o mundo social estudado” (WINKIN, 1998, p. 138). Neste sentido as anotações de contextos e situações serviram como possíveis questões abordadas nas entrevistas. Buscou-se no primeiro momento observar, escutar e dialogar como as interlocutoras para posteriormente acrescentar as dúvidas ao questionário de entrevistas.

Foi nessa constante retomada do diário de campo que surgiram outros questionamentos para pensar alguns relatos não enfatizados nas entrevistas, mas que foram abordados nas conversas mais descontraídas, nos momentos dos lanches e almoços. Nesses momentos partilhamos assuntos de nosso cotidiano, algo que tínhamos em comum como mulheres que se dedicam ao trabalho, casa, família, filhos. Esses registros foram possíveis a partir da relação intersubjetiva que foi se construindo com a abertura de ambas as partes para contar e compartilhar um pouco mais de suas vidas, uma conversa que foi se situando a “cada nível de sua articulação” (HARAWAY, 1995, p. 39) e “negociação” em campo. Isso possibilitou refletir sobre “de que maneira certos traços de minha identidade [...] participaram do desenvolvimento de minha pesquisa e interagiram com o campo de poder de meu objeto de investigação” (SILVA, 2007, p. 231) e, dessa forma, ampliando a compreensão dos níveis de interação constituídos no e com o contexto estudado.

De maneira complementar, na exposição aqui elaborada, as imagens utilizadas estão situadas de maneira similar à da situação do pesquisador em campo. Ou seja, elas se situam no texto buscando estabelecer “um nível de

articulação” com o que está escrito. Dessa forma, as imagens não reivindicam autonomia, nem representam ilustrações, frente ao escrito. Elas estão aqui, negociando com o texto.

## 2. A COOPERATIVA AÇAÍ, A CIDADE E AS MULHERES

Desde a monografia de graduação, onde elaborei as trajetórias das artesãs associadas à Cooperativa Açaí, destacou-se o fato da maioria dessas pessoas terem migrado para Porto Velho (SCHIERHOLT, 2016). Assim, o estabelecimento na cidade compôs um projeto de vida que se complementou com a vinculação e participação na Cooperativa. A cidade possibilitou a objetivação de uma lógica de trabalho, assim como a própria Cooperativa se tornou um espaço, ou projeto, objetivado nessa vivência urbana.

Esta posição enquanto artesãs e cooperadas é enfatizada aqui, na medida em que a condição urbana influenciou a lógica de organização da cooperativa, a relação com a cidade e com o ambiente natural de seu entorno, assim como influenciou a articulação dos referenciais valorativos de sustentabilidade que aparecem nos discursos delas.

Assim, a cooperativa e a cidade são elementos das paisagens de vida dessas mulheres. Assim como a cidade é o resultado objetivado da construção subjetiva das pessoas que nela vivem, a Cooperativa é o resultado objetivado dos ideais das cooperadas que ela congrega. A Cooperativa é a forma objetivada de um encontro de trajetórias distintas, mediadas pelo trabalho com sementes do bioma amazônico. Dessa forma, as sementes emergem nesse contexto como mote e ao mesmo tempo produto desse cenário já objetivado.

### 2.1 COOPERATIVA AÇAÍ

A utilização de sementes, locais e regionais, é o elemento que caracteriza o artesanato de biojoias produzido pela Cooperativa Açaí. Ao falar em nome do empreendimento coletivo, a artesã e diretora financeira Arlete afirma que “para a gente a biojoia é o carro chefe”. Ela explica que esse produto “foi o início de tudo. Foi com a biojoia que começamos a entrar na economia solidária, no mercado”<sup>1</sup>. A

---

<sup>1</sup> Para Singer (2002, p.10), a “Economia Solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica”. Segundo Gaiger (2014), no Brasil, de acordo com os dados do mapeamento executado entre 2009 e 2013, foram identificados 19.708 Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), totalizando 1.423.631 pessoas

Cooperativa Açai, nome comercial do micro empreendimento chamado originalmente Cooperativa de Trabalho dos Artesãos de Rondônia, foi fundada em 7 de janeiro de 2003 e é composta por 22 associadas, contudo, segundo Giovani, apenas 7 participam ativamente das atividades da cooperativa, 6 mulheres e 1 homem. De acordo com os relatos das cooperadas, estes em sua maioria não são nascidos em Rondônia, mas vieram para o estado nas ondas migratórias do século 20. Seus estados de origem são Maranhão, Amazonas, Acre, Paraná e Santa Catarina, além disso, ressaltam a participação de Ilda, artesã Ilda, indígena da etnia Karitiana.

A sede da cooperativa está situada junto à sua loja no centro da cidade de Porto Velho, na Rua Henrique Dias, próximo ao Mercado Municipal e defronte ao Sindicato dos Produtores Rurais e a 250 metros do rio Madeira, no centro da cidade de Porto Velho. Este espaço foi cedido pelo Governo Estadual por regime de comodato, por até vinte anos. Trata-se de um galpão dividido em pequenas lojas, uma das quais é ocupada pela Cooperativa, tendo à entrada uma faixa de identificação, acima da porta. Recentemente, o local passou por reformas no piso, na pintura e em toda organização interna da loja.



Imagens 2 e 3: Prédio e vitrine da loja da Cooperativa. Fonte: Arquivo da Autora (2016).

Na loja são comercializados artefatos em madeira, colares, brincos, pulseiras, braceletes, anéis, palitos de cabelo, cestos, cestinhos com bonequinhas “lavadeira”, utensílios de barro e madeira, ímãs de geladeira, filtros dos sonhos, souvenirs,

---

(GAIGER, 2014, p. 21) organizadas “de forma coletiva, gerindo seu próprio trabalho e lutando por segurança econômica e cidadania” (GAIGER, 2014, p.156).



chapéus, bonecos de pano, camisetas, saias, regatas, camisas gola polo, vestidos, calças, bonés, chocalhos, artesanato em tecido, arranjos de flores artificiais, miniaturas em coco. A artesã Antônia conta que a vinda de turistas à loja é baixa, diz que quando existiam as cachoeiras de Teotônio<sup>2</sup>, a procura era muito boa, e também se refere ao horário de atendimento da loja, das 7h30 às 15h de segunda à sexta, como um empecilho à melhoria das vendas. Vê-se, aqui, que a comercialização dos artefatos da Cooperativa era bem desenvolvida em relação com o turismo ambiental, relação esta que também marcava as percepções das artesãs acerca do valor de seu trabalho, como se discutirá adiante.



Imagem 4: Cachoeira de Teotônio. Fonte:  
<http://antigo.cbm.ro.gov.br/noticias.asp?id=375&tipo=Noticia>

Na Cooperativa Açai o trabalho artesanal com sementes iniciou a partir de um curso de capacitação ministrado pelo Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), em parceria com o SEBRAE. Várias artesãs relataram que já faziam diversos tipos de artesanatos na época, mas que passaram a utilizar sementes em suas peças após a participação nos cursos do SEBRAE. A origem do nome da Cooperativa Açai se deu no contexto dos cursos de capacitação, conta Antônia, a entidade solicitou a escolha de um nome para o empreendimento das cooperadas.

---

<sup>2</sup> Importante ponto turístico de Porto Velho que com a construção da hidrelétrica Santo Antônio ficou submerso.

*A origem do nome Açaí é que nós justamente tivemos o trabalho né, foi o processo foi feito com o SEBRAE né, foi dado as aulas pra nós, aí então, lá (no curso) ela pediu pra gente escolher um nome pra fundar a cooperativa, como nós trabalhamos com sementes eu achei interessante, eu fui uma que optei pela semente açaí porque aqui a gente usa muito açaí [...] tira a polpa né, tem o suco da fruta, não sei se você já bebeu o suco da fruta né? Então achei interessante e mesmo a lenda dela<sup>3</sup> [...] lenda do açaí, eu achei uma história muito bonita, então colocamos, todo mundo concordou né, daí colocamos o nome de Açaí. Então até hoje tá aqui com o nome Açaí (Entrevista concedida por Antônio a Fanny Longa Romero em setembro de 2013).*

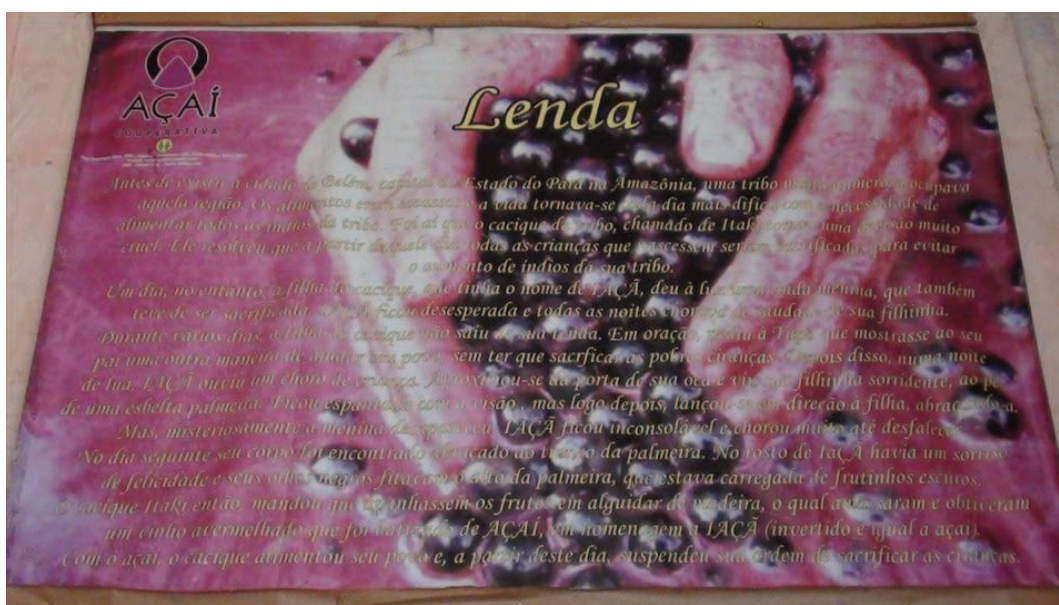


Imagem 5: Banner Lenda do Açaí. Fonte: Fanny Longa Romero 2013.

<sup>3</sup> A lenda do Açaí, o fruto sagrado do povo de Itaki. Diz a lenda que muitos e muitos anos atrás, na Floresta Amazônica, onde hoje existe a cidade de Belém, existia uma nação indígena muito populosa. Com o passar dos tempos, o grupo foi ficando tão grande que os alimentos, mesmo sendo fartos na região, começaram a faltar. Foi então que o cacique Itaki, grande líder da tribo, teve que tomar uma decisão muito cruel. Para que não faltasse alimento aos mais velhos, Itaki resolveu que, a partir daquele dia, as crianças que nascessem seriam sacrificadas. E assim foi até que a filha do cacique, uma jovem chamada laçã, teve que sacrificar sua linda filhinha recém-nascida. Desesperada, laçã chorava todas as noites de saudades da filhinha que não pôde criar. Depois de ficar vários dias enclausurada em sua maloca, laçã pediu ao deus Tupã para mostrar a seu pai uma forma de alimentar seu povo sem ter de sacrificar os pequeninos. Sensibilizado com a dor de laçã, o deus indígena decidiu mostrar outro caminho ao cacique Itaki. Em uma noite de lua cheia, laçã ouviu do lado de fora de sua oca o gungunar de uma criança. Ao olhar, viu que lá estava sua linda filhinha, sorridente, ao lado de uma palmeira. laçã correu rumo à palmeira e abraçou a filha que, misteriosamente, desapareceu no abraço da mãe. Inconsolável, laçã chorou a noite inteira, até desfalecer. No dia seguinte, o corpo de laçã foi encontrado abraçado ao tronco da palmeira. No rosto, a moça triste trazia um semblante sereno, até mesmo feliz. Seus olhos negros fitavam o alto da palmeira, que estava salpicada de pequenos frutos escuros. Interpretando a cena como uma benção de Tupã, Itaki mandou apanhar os frutos. Com eles, foi possível fazer um forte e nutritivo suco avermelhado que dava para alimentar todo o povo de Itaki. Em homenagem à filha, Itaki deu à palmeira generosa o nome de Açaí, que significa laçã invertido. Desde aqueles tempos, lá pras bandas da Amazônia, a farturenta palmeira do Açaí alimenta o povo de Itaki e todos os povos indígenas da região. Disponível em < <https://www.xapuri.info/cultura/mitoselendas/a-lenda-do-acai/> > Acesso em 10.01.2019.

Para além do curso na área de bijoias e ecojoias e com o intuito de melhorar o trabalho das cooperadas e cooperado que compõem a diretoria, foi solicitado através da cooperativa um “apoio” do SEBRAE na área administrativa, o que não foi considerado satisfatório. As assessorias recebidas e pagas pela cooperativa não capacitaram os membros da diretoria de acordo com sua função (contabilidade foi o que apresentou maior dificuldade), apenas fizeram o trabalho solicitado sem ensinar o “como fazer”. Essas dificuldades da diretoria frente às demandas burocráticas da administração da cooperativa causaram falhas na documentação, o que resultou em bloqueio da conta no banco e irregularidades nos registros em cartório.

Em outro sentido, Dalvani, artesã já falecida, ressaltava que o sucesso dos trabalhos que a Cooperativa Açai realiza e desenvolve se dá em parte pelas parcerias estabelecidas, que “se nós não tivermos parceiros, você não consegue fazer muita coisa”. Segundo ela, essas parcerias fazem com que a cooperativa, através de seus cooperados, esteja sempre em movimento e cita o SEBRAE, que foi por onde “tudo começou”. Ainda com relação às parcerias com o SEBRAE em cursos, Antônia declara que alguns projetos às vezes não são bem elaborados e relata as dificuldades que tiveram ao oferecer um curso de confecção de bonecas no presídio feminino de Porto Velho, em parceria com o SEBRAE.

*“[...] foi dado curso de capacitação pra elas e [...] nós tivemos que fazer o curso [...] do SENAI pra poder mexer com as máquinas industriais e isso foi dado só que a parceria deles não foi uma parceria assim que nos ajudasse né [...]*

*“[...] porque todo mundo... Tem muitas pessoas ali (cooperados) que vive do artesanato né, que vive daquilo, então se você sai da sua casa pra dá um curso pra toda vez e não ganha nada, ninguém quer, todo mundo quer ganhar um pouco o seu porque há necessidade né” (Entrevista realizada em fevereiro de 2016).*

Atuando em várias frentes, o SEBRAE promove premiações em diversas áreas empreendedoras. No caso da Cooperativa Açai, devido a atuação de destaque no trabalho com a cooperativa, Antônia recebeu o prêmio de segundo lugar no quesito Mulher Empreendedora.

### 2.1.1 SEBRAE

Para compreendermos os eixos de participação e influência do SEBRAE na produção de ecojoias e biojoias e a formação da cooperativa Açai se torna necessário compreender o papel desta instituição na promoção das políticas públicas culturais no Brasil.

Criado como uma instituição de “direito privado, sem fins lucrativos e de interesse público” em 1990, por meio do Decreto Lei n.º 99570 e da Lei n.º 8029 passa a substituir o antigo Centro Brasileiro de Assistência Gerencial à Pequena Empresa (Cebrae), que estava diretamente ligado ao BNDES (ALVES, 2016). O Serviço está presente em 27 estados da federação, além de diversas cidades, “dotado de uma sofisticada rede de atuação, com a presença de funcionários e consultores qualificados” (ALVES, 2016, p. 641).

É importante ressaltar que apesar da “desvinculação” do SEBRAE ao Estado, este último é o principal agente das políticas culturais no país. Desde suas diversas formas de fomento através de financiamento, mas também na formação dos chamados “mercados da cultura”.

O Estado é um dos agentes centrais dos mercados culturais nacionais e globais. Por meio de órgãos especializados, como agências, departamentos, conselhos, ministérios e secretarias, além de bancos públicos de desenvolvimento e agências de fomento, os Estados não interferem ou intervêm nos mercados, cumprindo o papel de supostas externalidades, são os próprios Estados agentes políticos, institucionais e econômicos que fazem parte da constituição orgânica dos mercados. As instituições estatais constroem interesses e exercem racionalidades político-econômicas próprias, que, direta e indiretamente, contribuem para a consecução de racionalidades empresariais, interesses profissionais, estéticos e financeiros. Os Estados não estão fora da trama do mercado (supostamente composto apenas por empresas ou por consumidores), o Estado faz parte do próprio mercado [...], mas uma constatação empírica, cuja atuação de organizações como o Sebrae (no caso brasileiro) só a reforça (ALVES, 2016, p. 634-635).

Neste contexto se encontra a Cooperativa Açai e seus trabalhos com biojoias e ecojoias. Os cursos oferecidos pelo SEBRAE estão em consonância com o fomento de empreendimentos com características regionais e locais. Sendo assim, o nicho de sementes e fibras do bioma amazônico para produção de artesanato tornou-se uma ferramenta para o desenvolvimento econômico da região.

Ainda cabe destacar que

Os empreendedores também não devem ser compreendidos como indivíduos atomizados, “soltos” dentro de um universo de políticas. Empreendedores não são indivíduos isolados que se destacam por suas qualidades ou características pessoais. Fundamental para a compreensão da atuação do empreendedor é considerar que ele está imerso em redes sociais (CAPELLA, 2016, p. 502).

Isso é essencial para a compreensão de que a cooperativa opera a partir de nichos criados na esfera do Estado, aplicado por intermédio do SEBRAE, mas que tem a adesão devido à agregação do contexto cultural e ambiental da região. Estes são quesitos que oportunizam o desenvolvimento dessas políticas culturais direcionadas a um mercado cultural específico como as biojoias e ecojoias da região amazônica. Por outro lado, a imersão das cooperadas nas redes locais de comunidades ribeirinhas, para coleta de sementes, entre outras atividades, pode ter sido um aspecto valorizado na lógica de intervenção do SEBRAE.

O processo de “empreendedorismo cultural” no qual está inserida a cooperativa “é parte de um processo amplo de profissionalização cultural e da demanda pela modelagem de novos negócios” (ALVES, 2016, p. 628). A criação da Cooperativa Açaí, na medida em que ela ocorre no contexto dos cursos do SEBRAE, é entendida como oriunda dos projetos de políticas públicas do governo federal, de incentivo e desenvolvimento do artesanato como um negócio. Nesse sentido, tais cursos preveem a qualificação do trabalho do artesão em vista do mercado de bens culturais. Para tal, o SEBRAE opera como um intermediário que é, segundo Nery (2014, p. 299):

Um dos mecanismos para ajudar a promover o aumento de produção é o estímulo à formação de cooperativas e associações. Estes e outros incentivos funcionam apenas a partir do momento em que se instituem agentes que funcionariam como intermediários na relação entre artesãos e Governo. Um desses intermediários é o Sebrae, que atua ministrando cursos e prestando consultorias em seu trabalho parceiro com o Governo e com a iniciativa privada. Um de seus objetivos é incentivar o empreendedorismo, o que significa promover a aproximação maior entre artesanato e mercado.

Cabe destacar ainda, que a partir do contexto apresentado o SEBRAE atua como “um agente das novas políticas culturais no Brasil, as políticas econômico-culturais” (ALVES, 2016, p. 626). Na perspectiva aqui estudada, se torna fundamental observar que o Sebrae está fortemente vinculado ao Estado brasileiro através de “vínculos jurídicos, financeiros e políticos”, fornecendo um aporte para

compreender o contexto da cooperativa no processo de “incorporação das disposições práticas que orientam a formulação de novos modelos de negócios e de novas racionalidades empresariais por parte das micro e pequenas empresas culturais” (Alves, 2016, p. 627).

A entidade está presente em diversas frentes, desde a implantação de nichos de mercado, como as biojoias e ecojoias, à formação técnica dos artesãos, até o incentivo à inovação e as premiações por desempenho configurando um campo de forças performativas (YÚDICE, 2006). De acordo com Lopes (2009), o campo de forças performativas

se configura relacionalmente entre os modos de recepção dos públicos às produções culturais é um campo de forças gerado pelas disposições diferentes das instituições estatais e da sociedade civil. Daí que as forças performativas são montagens específicas de vetores que convergem para o estabelecimento de diferenças significativas entre sociedades nacionais, como acordos interativos, modelos interpretativos e condicionamentos comportamentais que influenciam a produção de conhecimento e produzem uma “fantasia social preponderante” (LOPES, 2009, p. 334).

É importante ressaltar que o SEBRAE trabalha no sentido de regular as ações, impondo racionalidades empresariais que as vezes não condizem com a realidade dos empreendimentos. Como apresentado acima, vimos que, por exemplo, as consultorias ofertadas não oferecem uma maior capacitação dos empreendedores. Em outro sentido, mesmo estando organizados em cooperativa, todo o aparato burocrático necessário segue a mesma lógica. Isso ocorre também em relação ao mercado e as formas de produção, priorizando os lucros.

## 2.2 A CIDADE

Desde a época colonial, o estado de Rondônia<sup>4</sup> tem sido testemunha de profundas transformações sociais, culturais, territoriais, econômicas e políticas que o configuram como marco exemplar para abordar a história do Norte do Brasil. Entre

---

<sup>4</sup> O Estado foi criado em 22 de dezembro de 1981, pela Lei Complementar número 41, sancionada pelo presidente João Batista Figueiredo. A área que formou o espaço rondoniense foi originalmente desmembrada dos Estados de Mato Grosso e Amazonas, em 13 de setembro de 1943; na época, a região foi denominada Território do Guaporé, em 17 de fevereiro de 1956, passou a ser Território Federal de Rondônia. Disponível em <https://www.newsrondonia.com.br/noticias/criacao+do+estado+de+rondonia/68446>> Acesso em: 21.03.2019.

os impactos mais importantes que Rondônia vivenciou, a partir de fins do século XIX, se destacam: a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, projeto da empresa americana Madeira Mamoré Railway; a presença do Marechal Rondon na instalação das linhas telegráficas; a exploração da borracha que expandiu não apenas o crescimento demográfico no Estado, mas também consolidou o trabalho escravo e a procura de mão de obra barata; programas de colonização agrícola diversos; instalação de hidrelétricas, construção de estradas, exploração de mineração de cassiterita e ouro, entre outros minerais. Mas, o fato histórico ligado diretamente ao Estado é, certamente, o massivo extermínio que sofreram inúmeros povos indígenas da região (ROMERO, 2013).

Porto Velho foi criado em 1914, por iniciativa do governador do Amazonas Dr. Jônatas de Freitas Pedrosa (FONSECA, 2016, p. 39). Atualmente, segundo dados do Censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do município era de 428.527, com uma estimativa populacional registrada para o ano 2017 de 519.436 hab. O município possui uma área territorial (2016) de 34.090,962 km<sup>2</sup> e densidade demográfica (2010) de 12,57 habitantes/km<sup>2</sup> <sup>5</sup>.

A fundação da cidade se deve, principalmente, à construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Segundo Fonseca (2016), a obra atraiu pessoas de várias partes do mundo, transformando Porto Velho em um centro desenvolvido com “telefonia, fábrica de biscoitos, lavanderia, serraria, abastecimento de água e luz, tudo movido a vapor. Um hospital, o primeiro do rio Madeira” (FONSECA, 2016, p. 38).

Uma cidade cosmopolita, gente de toda a parte do mundo passou aqui a residir. Se haviam estrangeiros nas outras urbes, eram poucos. Aqui, gregos, sírios, libaneses, indianos, espanhóis, portugueses, bolivianos, norte-americanos e muitos outros vieram para trabalhar na ferrovia. Após sua construção muitos ficaram (FONSECA, 2016, p. 39).

Essa característica de atração populacional se manteve, no desenvolvimento da cidade. De acordo com Cunha (2015, p. 1), Rondônia recebeu durante sua história três ondas migratórias. As duas primeiras estavam relacionadas aos processos de extração de ouro e principalmente da borracha. Contudo, é na terceira

---

5

Disponível

em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=110020&search=rondonia|porto-velho>>  
Acesso em 21.02.2018.

onda, nas décadas de 1970 e 1980, que o então Território Federal de Rondônia, atual estado de Rondônia, recebeu o maior número de migrantes, cerca de 600 mil pessoas.

A cidade de Porto Velho está localizada na parte oeste da Região Norte do Brasil, na área abrangida pela Amazônia Ocidental no Planalto Sul-Amazônico, uma das parcelas do Planalto Central Brasileiro. É capital brasileira com maior área territorial, estendendo-se por pouco mais de 34 mil km<sup>2</sup> (sendo mais extenso que países como Bélgica e Israel). Em termos econômicos, a cidade detém o quarto maior PIB da Região Norte, com destaque para a criação de gado (900 mil cabeças), e produção alimentos, como arroz, milho, feijão, soja, café, mandioca, banana, cacau, abacaxi, cana de açúcar, mamão, maracujá, laranja e melancia. O extrativismo vegetal está voltado para extração de madeira, açaí e castanha. No setor industrial se destacam as indústrias gráficas e construção civil, indústria moveleira e de bebidas, principalmente água e refrigerantes<sup>6</sup>. Porto Velho está entre as capitais que mais crescem economicamente no país, com crescimento do PIB em 30,2% no ano de 2009. Em 2010, o PIB de Porto Velho foi estimado em R\$7,5 bilhões, segundo o IBGE, respondendo por cerca de 1/3 do PIB de Rondônia naquele anos<sup>7</sup>



Imagem 6: Porto Velho. Fonte: <https://www.portovelho.ro.gov.br/artigo/17800/a-cidade>

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.diariodaamazonia.com.br/economia-porto-velho-se-desenvolve-do-ciclo-da-borracha-ao-pasto/>> Acesso em 26.03.2019.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.portovelho.ro.gov.br/artigo/17800/a-cidade>> Acesso em 22.03.2019.





Imagem 7: Rio Madeira. Fonte: Arquivo da autora (2016)



Imagem 8: Estrada de Ferro. Fonte: Arquivo da autora (2016)



Imagem 9: Caixas d'água. Fonte: Arquivo da autora (2016)



Imagem 10: Trem. Fonte: Arquivo da autora (2016)

## 2.3 AS MULHERES

Apresentamos aqui algumas narrativas das mulheres associadas à Cooperativa Açai, nas quais relatam algumas das dificuldades encontradas e as decisões tomadas por essas associadas para dar conta das dinâmicas de suas rotinas diárias, conciliando-as com o trabalho na Cooperativa.

Esses temas começaram a surgir a partir de minha segunda visita e principalmente da parte das mulheres: reclamações, relatos de conflitos, mas com poucas referências nas entrevistas, e sim, nas conversas informais sobre nossas rotinas e famílias, nos momentos em que nossas vidas se aproximavam. Na quarta visita, esse mesmo tipo de comportamento se repetiu principalmente por se tratar de um momento em que estava ocorrendo muita discussão sobre a melhor forma de manter a loja da Cooperativa aberta todos os dias, principalmente depois que Arlete se afastou. Foi com o objetivo de conciliar os compromissos e cuidados com a casa e a família e os compromissos com a Cooperativa que os arranjos de horários e dias buscaram respeitar as rotinas de cada cooperada e cooperado.

Em uma manhã, logo após uma reunião entre os cooperados, na qual discutiram diversos assuntos pendentes, foi feito um lanche, com mungunzá, alguns salgados e café. Enquanto estávamos saboreando o lanche, começaram a falar de suas famílias. Cristiane, diretora de criação da Cooperativa e artesã, explicava que no dia seguinte não teria como ficar na loja porque já tinha vindo naquele dia para a reunião e ainda deveria terminar algumas encomendas de seus clientes particulares. Segundo ela, à tarde não “dá pra fazer muita coisa” porque se dedica aos cuidados do neto. Como também faz almoço para o neto, não pode ficar na loja até meio dia, necessita sair por volta das 11h para pegar o ônibus e chegar a tempo de esperá-lo e preparar o almoço. Em meio a conversa descontraída, comentei que no período de férias de verão, no mês de janeiro, época em que não tem creche, ajudo minha irmã mais nova, que trabalha em um atelier de calçados, cuidando de seu filho mais novo, de apenas um ano, e aproveito e mostro algumas fotos no celular.

A situação de Antônia, diretora financeira e artesã, é parecida. Em sua casa mora a filha Erika, com seus dois filhos, que estudam durante as manhãs e a tarde ficam aos cuidados da avó para Erika trabalhar fora. Antônia faz os mesmos arranjos que Cristiane para dar conta de seus trabalhos em casa, na Cooperativa e na

produção de suas peças. Além disso, faz faculdade à noite, período que tem disponível.

Dolores assumiu o cargo de suplente de fiscal nesta gestão com a condição de que não implicasse mais compromissos a ela na Cooperativa. Segundo ela, assumiu o cargo porque não havia outra pessoa e para ajudar aceitou. Em relação aos revezamentos para manter a loja aberta, Dolores diz que é muito difícil assumir um horário para ficar na loja porque seus diversos tipos de trabalhos e mais sua situação de saúde, além de dificultar seus trabalhos diários da rotina da casa, ainda se soma as seções de fisioterapia necessárias para reabilitação de sua perna. Além disso, Dolores também acompanha seu ex-marido nas viagens que necessita fazer para a realização do tratamento de câncer em Barretos – SP. Após a separação, ele foi morar com a mãe, mas conta com a ajuda de Dolores para o tratamento.

*D: Que naquela época que eu comecei (na Cooperativa) a minha filha era solteira, ela morava comigo entendeu? Então podia saí pra vim pra Cooperativa, podia saí pra ajudar né. Aí também aconteceu que ela também casou, foi embora daqui e eu tô sozinha em casa pra fazer tudo, além de eu tá sozinha eu adoeci né aí então... Ele também adoeceu, eu que tô acompanhando ele pra fazer tratamento. Todo mês, todo mês eu viajo com ele, agora que deu uma paradinha, era pra nós te ido agora, só que ele perdeu a viagem porque eu tava doente, eu também não pude acompanhar ele, aí nem sei como vai ser pra remarcar a consulta dele lá. [...] Depois que minha filha saiu de casa, eu fiquei sozinha pra cuidar da casa, meus filhos tudo trabalha, minhas netas, uma tá morando só já e a outra mora em casa, mas trabalha também e estuda de noite, a outra estuda também e aí eu fico mais só em casa.*

Na fala de Dolores podemos identificar como as mudanças no seu grupo familiar, como as rotinas de filhos e netos, mais o casamento da filha e a doença de seu ex-marido acabaram por aumentar seu trabalho e cuidado em casa e com seu ex-marido, influenciando diretamente sua participação na Cooperativa. A partir desta narrativa também podemos identificar como a “divisão das tarefas da casa”, oportunizava a Dolores uma maior participação em atividades externas ao lar.

O trecho abaixo ilustra o contexto em que os temas do trabalho com a Cooperativa e o trabalho de cuidado apareceram relacionados e entrecruzados na entrevista. No caso de Ilda, não foi possível dar continuidade aos trabalhos com sementes e participar da Cooperativa, ela parou totalmente após o nascimento do

filho. Ilda relata os motivos que a impediram de ter uma participação mais ativa na Cooperativa.

*Já chamaram. Falô: "Ilda vai tê tal dia", mas só que eu não tinha ninguém, não tinha condição de pagar alguém pra ficar com meu filho e também não tinha de, como é que fala? Éh... eu também não tinha né confiança na pessoa que vai cuidar daquela criança, então por isso que eu me, me afastei mais assim, entendeu? Então eu comecei a pensar, falei: "Não, vô parar um pouco" porque eu não tenho, quando meu filho tiver grande eu vô continuar trabalhar, entanto que eu trabalhava um pouquinho e parava e parava e voltava e parava e parava (Ilda).*

Atualmente, Ilda voltou a fazer diversos artefatos indígenas e ecojoias, os quais vende em sua banca na Feira do Sol<sup>8</sup>. Na incursão a campo, em fevereiro de 2017, Marina, artesã e diretora administrativa da Cooperativa, contou que Ilda havia voltado a participar da Cooperativa e inclusive colocou algumas de suas peças para vender na loja e que provavelmente iria assumir um dia de expediente na mesma.

É importante destacar que esses temas foram abordados em momentos em que não estávamos falando sobre os objetivos de minha pesquisa de mestrado com a Cooperativa Açaí, mas que foram se apresentando como um assunto "comum" na rotina de cada uma e que ilustram as dificuldades encontradas e as decisões tomadas por essas associadas para dar conta das dinâmicas de diferentes tipos de trabalho, o trabalho-cooperativa e o trabalho-cuidado. Não se trata de julgar suas decisões ou escolhas, mas de "[...] pensar em conjunto diferentes relações sociais, respeitando, simultaneamente, o fato de que elas se coconstroem e de que são diferentes" (KERGOAT, 2016, p. 22). O trabalho das mulheres na Cooperativa é realizado em contiguidade com o trabalho do cuidado da casa, da família e de outros afazeres, sendo que nos intervalos destes elas discutem estratégias e arranjos que contemplem suas rotinas.

Por conta destas múltiplas jornadas de trabalho, não é possível manter a loja da Cooperativa aberta em expediente inteiro, intercalando manhãs ou tardes de

---

<sup>8</sup> A Feira do Sol reúne 24 grupos de artesãos de Porto Velho, está funcionando em um dos galpões da praça da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, de terça a domingo. A Feira do Sol nasceu de um grupo organizado pela prefeitura que foi "adotado" pela Secretaria Estadual de Esportes, Cultura e Lazer (Secel). No local, os visitantes encontram uma mostra diversa de materiais e técnicas desenvolvidas pelos artesãos de Rondônia. Disponível em <<http://www.amazoniadagente.com.br/feira-do-sol-e-transformada-em-centro-cultural-para-mostra-de-artesanato-e-outra-artes-na-madeira-mamore-em-porto-velho/>> Acesso em 10.07.2017.

acordo com a disponibilidade das mulheres. O único dia que a loja funciona em período integral é quando Giovani, o único homem participante da Cooperativa atualmente, abre a loja.

### **3. TRABALHO COOPERADO, CADEIA JUSTA TRAMA, SUSTENTABILIDADE E REDES DE SUSTENTABILIDADE**

Após a configuração da constituição e inserção da Cooperativa Açai no contexto urbano de Porto Velho, buscarei expor, neste capítulo, como a trajetória da mesma foi marcada pelo estabelecimento de parcerias e redes. Busco enfatizar, mesmo de forma ainda segmentada, que as atividades da Cooperativa são melhor objetivadas quando se aproximam dessas parcerias, sobretudo da Justa Trama, e são mais subjetivas quando relacionadas ao contexto ambiental amazônico. Essa ideia se orienta pela concepção de cultura em Simmel (2005), na qual o autor afirma que um produto cultural não é criação apenas de um sujeito, mas o resultado de um conjunto de trabalhos parciais. Penso que a Cooperativa é um espaço onde as pessoas realizam trabalhos parciais e recíprocos e no qual o conjunto gera o produto. Assim, mesmo denominado de Cooperativa, o seu modelo aproxima-se mais da ideia de cadeia produtiva que orienta as interações de um conjunto de coletivos, na Justa Trama, como veremos adiante.

Porém, como a cultura opera objetivações que nascem da consciência subjetiva, mas vão além dela, tais objetivações adquirem um fundamento e um direito, ou seja, “o sentido cultural do objeto” (SIMMEL, 2005, p. 83) em agrupamentos de pessoas específicas, acrescentando “o universo das coisas que têm um certo valor coletivo” (SIMMEL, 2005, p. 84). Daí que, para entender o discurso de redes de sustentabilidade exposto pelas artesãs, é necessário compreender que tais redes permitem às artesãs estabelecerem uma definição situacional delas mesmas.

Aqui, a concepção de Simmel é complementada pela concepção de compromisso identitário, de Bajoit (2006), ou seja, de que a identidade se faz, na contemporaneidade, por compromissos estabelecidos em ações coletivas que preservam os propósitos dos indivíduos. Dessa forma, o discurso sobre um compromisso identitário permitiria apreender que a identidade se constitui em uma perspectiva sempre relacional.

Seguindo essas concepções complementares, darei destaque a um conjunto de exposições das artesãs e de alguns de seus parceiros, de maneira a expor a aproximação entre as atividades que compõem a dinâmica de suas produções culturais e a as trajetórias de constituição de suas identidades. Inicialmente, enfatizo

os discursos elaborados através das parcerias que desenvolveram com a Justa Trama, como contexto inaugural da trajetória de compromissos estabelecidos pela Cooperativa. Na sequência, enfatizo os discursos que atualizam esses compromissos, em redes locais. O argumento que segue a linha narrativa deste capítulo é o de que as atividades e projetos objetivados nas parcerias estabelecidas inicialmente se desdobram em compromissos identitários e se expressam em representações de valor dos produtos e, de maneira ampliada, em representações de sustentabilidade ambiental.

### **3.1. JUSTA TRAMA**

A relação da Cooperativa com a Justa Trama tem cumprido uma função importante na abertura de mercado nacional e internacional para os produtos da Açaí, mas, através das citações de entrevistas abaixo, busco expor como o estabelecimento desta parceria modelou uma percepção e um discurso sobre suas lógicas de ação, assim como sobre as representações de sustentabilidade das artesãs.

A filiação ao empreendimento se deu no ano de fundação da Cooperativa (2003) e está baseada em valores da economia solidária. A Justa Trama é uma Cadeia Ecológica de Algodão Solidário com sede em Porto Alegre – RS, configurada como um segmento de várias cooperativas distribuídas em cinco estados do país, que trabalham com o plantio, tingimento, fiação e produção de tecidos a partir do algodão agroecológico.

São homens e mulheres, agricultores, coletores de sementes, fiadoras, tecedores e costureiras somando 600 cooperados/associados, nos estados: Rio Grande do Sul, situadas em Porto Alegre, estão o Coletivo Inovarte produzindo bichos e jogos pedagógicos com as sobras de tecidos e Cooperativa de costureiras Unidas Venceremos (Univens) que trabalham com confecção de roupas; Mato Grosso do Sul, na cidade de Pontaporã, a Associação da Escola Família Agrícola da Fronteira (AEFAF) trabalham no plantio do algodão orgânico colorido; Minas Gerais na cidade de Pará de Minas, a Cooperativa de Produção Têxtil de Pará de Minas (Coopertêxtil), trabalham na fiação e tecelagem; Ceará, na cidade de Tauá, a Associação de Desenvolvimento Cultural e Educacional (ADEC) trabalham com o



plântio do algodão orgânico; Rondônia, em Porto Velho, a Cooperativa Açaí, trabalham na produção de botões e colares de sementes e bonecas dos retalhos<sup>9</sup>.

Nesse arranjo, encontram-se distintos biomas e contextos sociais. Entre os atores sociais da rede estão “associados em autogestão, trabalhadores dos meios rural e urbano, de diversos setores da economia, como agricultura, a indústria e o artesanato”(ANDRADA, 2013, p.18).

Trata-se do encontro emblemático de trabalhadoras (es) organizadas (os) em contextos específicos e distantes, orientadas (os) por ações políticas comuns, basicamente: a resistência aos ditames de uma economia capitalista, que as exclui do mercado de trabalho ou tendia a fazê-lo, e a construção de uma alternativa de trabalho justa e democrática (ANDRADA, 2013, p. 26) .

A vinculação à Justa Trama, entretanto, se estabelece já no quadro de outras vinculações construídas pelas artesãs, como atividades que constituíam sua identidade. Assim, Nelsa, artesã da Cooperativa, expõe que a experiência como membro do Fórum Brasileiro de Economia Solidária lhe permitiu trocar saberes sobre a atividade artesanal. Foi aí que a Cooperativa consolidou relações sociais e comerciais com o projeto da Justa Trama. Na ocasião de umas das edições do Fórum, Nelsa propõe a ideia dos acessórios de botão de coco e dos colares de sementes produzidos na região Norte, como valores agregados às roupas de algodão agroecológico da cadeia produtiva. Nesse sentido, a “*Justa Trama vem pra fortalecer os empreendimentos, que tem um produto que nos une a todos*” (Nelsa).

*Éh, digamos assim, cooperativa ela é Justa Trama né então cooperativa ela não pode só pensar em, tipo assim, vender a roupa da Justa Trama éh pra receber alguma coisa em troca só naquela venda ali, mesmo que ela venda no mesmo preço que a Justa Trama tá repassando a cooperativa obtêm o lucro dela (A: Uhun) porque a cooperativa é Justa Trama então quando chega no final do ano tem o balanço da Justa Trama e tem as sobras que é depois divido entre os empreendimentos que tão dentro da Justa Trama, mas é aquilo que eu te falei naquela hora do acerto da conta lá. Quando eles repassam pra nós eles dão 20% do valor deles que é pra manter, que é pra gente se manter aqui na comercialização (Giovani).*

*A Cooperativa Açaí eu conheci ela através da Dalvani, que naquele período era a pessoa que representava a cooperativa e tava em todos os*

<sup>9</sup> Disponível em <<https://www.justatrama.com.br/como-fazemos/>> Acesso em 24.03.2019.

espaços que a gente participava na Unisol Brasil e no Fórum Brasileiro de Economia Solidária. A Dalvani representava a região norte né, a região, sobretudo de Rondônia no Fórum de Economia Solidária, no Fórum Brasileiro de Economia Solidária e também ela participou da direção da Unisol. Foi um encontro assim de uma identidade muito legal desde que a gente se viu pela primeira vez (Nelsa).

E a Cooperativa Açai ela esteve com a Justa Trama desde o primeiro momento que se começou a pensar a Justa Trama e fez parte da **constituição a Justa Trama**, é uma das cooperativas primeiras né. A Cooperativa Univens, a Justa Trama e a Cooperativa Fio Nobre foram a três cooperativas do ponto de vista jurídico que formaram a cooperativa central, porque pra você ter uma cooperativa central tem que ter no mínimo três cooperativas. E aí começamos conversar, a **cooperativa Açai com os colares, eles acompanharam as peças da Justa Trama desde o princípio, depois desenvolvendo botões de vários tamanhos, sobretudo de coco, mais tarde botões de tucumã** (Nelsa).

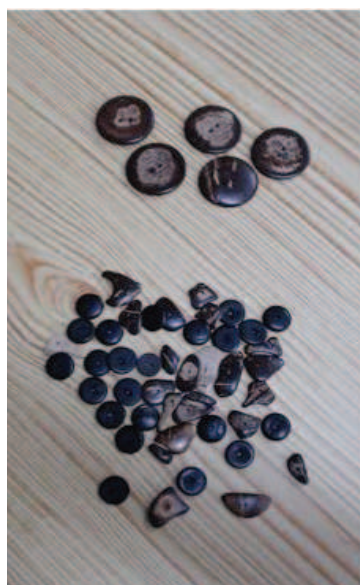


Imagens 11 e 12: Sede da Justa Trama em Porto Alegre. Fonte: arquivo da autora.

Essas primeiras exposições já indicam como a composição de trabalhos parciais e recíprocos está estreitamente relacionada com as trajetórias de constituição de identidade dessas artesãs. Na continuidade dessas exposições, inclusive, evidencia-se como o processo inicial de produção de botões diversifica as parcerias, assim como a própria parceria com a Justa Trama torna-se espaço para

diversificações de projetos e produtos, que resultam objetivados em trabalho coletivo.

*Então, quando a gente precisava de botão era buscar ahn, antigos associados da Açaí pra que fossem fazendo e a Dalvani tinha uma queda muito grande pelas bonecas, ela que trouxe numa reunião a proposta de delas fazerem bonecas e a gente achou muito legal porque a gente nunca... não tem uma linha infantil, mas a gente achava que era legal entrar numa linha infantil com um produto que, sobretudo, que as crianças gostem e que é um aproveitamento dos retalhos pequenos da Justa Trama e é algo muito legal assim. **Eu gosto de ver o processo e também começaram a trabalhar de forma coletiva** (Nelsa).*



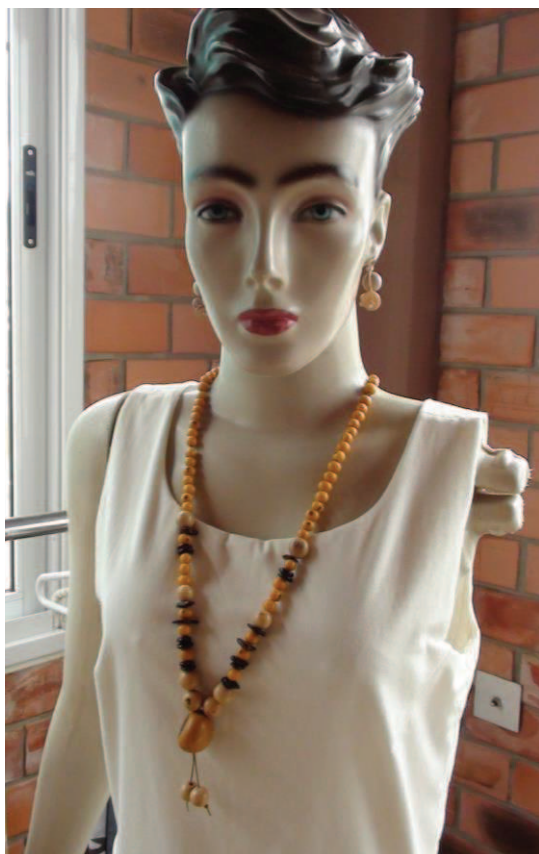
Imagens 13, 14 e 15: botões de sementes e suas aplicações. Fonte: arquivo da autora.



Imagem 16: Bonecas produzidas na Cooperativa. Fonte: arquivo da autora (fev 2016).

A trajetória de parcerias iniciada pelo vínculo tecido junto à Justa Trama é tramada no Fórum Brasileiro de Economia Solidária, como um encontro de propósitos que fortalece compromissos identitários (BAJOIT, 2006) e estabelece princípios que orientam suas lógicas de ação. O contexto de objetivação dos produtos que se desenvolve na trajetória dessas parcerias, por outro lado, ora reforçam os propósitos que as inauguram, ora geram reconhecimentos ampliados do caráter de diversidade que se tece nas mesmas.

*A gente se não tivesse a cooperativa Açaí não estaria fazendo detalhe de nossas peças com botões de plástico ou com botões, sei lá, alternativas, mas que rompia com a questão toda de ser da economia solidária de cooperativas e associações né. A gente, também a **Cooperativa Açaí** hoje ela é importante porque as bonecas significaram um novo momento pra Justa Trama sabe, onde você pode atender uma gama de pessoas diferentes, inclusive quando eu vou falar da Justa Trama nos lugares, no final eu apresento os produtos, a bonequinha que eles fazem é sempre a primeira compra que tem, então ela é uma expressão legal assim que encanta as pessoas né. **Para nós, a cooperativa Açaí ela representa o norte do Brasil com sua diversidade, essa questão da Amazônia sabe, ela é muito especial na Justa Trama (Nelsa).***



Imagens 17 e 18: peças de biojoias de sementes e de vestuário da Cooperativa produzidas com algodão ecológico.

Esse reconhecimento extrapola as interações tecidas entre as parceiras e se legitima em um campo ampliado de representações da diversidade cultural e de sustentabilidade ambiental, no qual as artesãs buscam recursos.

### 3.1.1. Projeto Renner

O projeto “A trama justa da moda que inclui: costureiras, artesãs e sustentabilidade”, inscrito pela Justa Trama no Edital Instituto Lojas Renner<sup>10</sup>, foi elaborado e encaminhado pela Justa Trama e executado pela Cooperativa Açaí. O

<sup>10</sup> Em 2016, A Justa Trama com seu projeto “A trama justa da moda que inclui: costureiras, artesãs e sustentabilidade” foi uma das eleitas no Edital Instituto Lojas Renner, realizado em parceria com a ONU Mulheres, com o escopo de empreendedorismo, qualificação profissional, cidadania e geração de renda para mulheres em situação de vulnerabilidade – foco de atuação da instituição. Para serem selecionados, os projetos inscritos foram submetidos a uma comissão mista entre Instituto Lojas Renner e ONU Mulheres, que avaliou, entre outros aspectos, a consistência da atuação junto às comunidades, a coerência entre objetivos e ações propostas, o planejamento orçamentário e as condições estruturais e de capital humano para a condução do projeto. O processo de avaliação ainda contou com etapas de análise documental e visita presencial junto as organizações finalistas. Disponível em: <<http://www.institutolojasrenner.org.br/fique-por-dentro/noticia-181>> Acesso em 21.02.2017.

objetivo do projeto foi a criação e produção de bonecas com reaproveitamento de tecidos de algodão ecológico da Justa Trama. Para seu desenvolvimento, as artesãs fizeram pesquisa em revistas e internet e cada artesã criou um modelo de boneca e produziu a peça; a descrição do passo a passo da produção, o tutorial com moldes e modo de fazer foi elaborado pela Diretora de Criação da cooperativa, Cristiane e digitado por Giovani para enviar para Justa Trama. O projeto previa 40 horas de curso e requeria assinatura do ponto de cada participante. Foi realizado de novembro a dezembro na loja da Cooperativa e cada participante recebeu R\$ 524,00. Desse valor, 10% ficaram para a Cooperativa. Cristiane destaca que mesmo com o encerramento do projeto há a possibilidade de serem feitas encomendas das bonecas criadas para a Cooperativa confeccionar.

Este exemplo de projeto derivado da parceria com a Justa Trama, assim como a trajetória de interações regulares entre identidade e objetivação cultural, anteriormente descrita, evidenciam o caráter de constituição de valor dos produtos confeccionados pelas artesãs. Contudo, como já afirmou Simmel (2006, p. 86), “não há nenhum valor de cultura que seja apenas valor de cultura; cada um precisa antes, para alcançar esta significação, ser também valor em uma série objetiva”. No caso da Cooperativa Açai, essa série se configura na trajetória de objetivação de seus produtos, atividades e identidade, que se inicia em encontros de economia solidária e avança para o reconhecimento da diversidade cultural e das redes de sustentabilidade ambiental.

### **3.2 REDES LOCAIS**

Aqui, busco contextualizar as parcerias locais e regionais que se formaram na trajetória de objetivação dos produtos e atividades da Cooperativa Açai, em consonância com a afirmação de um compromisso identitário com os propósitos coletivos estabelecidos entre as parceiras. Percebe-se nas exposições que seguem que as parcerias iniciam a partir de demandas específicas da objetivação dos produtos, mas se desdobram e ampliam para propósitos ampliados, que convergem para a questão da sustentabilidade. Nesse sentido, as trajetórias das parcerias, simultâneas às trajetórias de objetivação dos produtos, possibilitam reconhecer um processo de singularização pelo qual os produtos adquirem biografias culturais (KOPYTTOF, 2008), mas também, configuram regimes de valor assentados em

concepções de autenticidade (SPOONER, 2008), como desenvolverei mais no quarto capítulo.

### 3.2.1 IFRO – Instituto Federal de Rondônia

O Instituto Federal de Rondônia formou uma parceria com a Cooperativa a partir da demanda de produção de uma tintura para os tecidos de algodão ecológico. A demanda é que as tinturas deveriam ser orgânicas, de maneira a acompanhar o princípio ecológico que orienta a produção. Em entrevista realizada com Ronilson de Oliveira, 47 anos, professor no Instituto Federal de Rondônia, constatei vários elementos que possibilitam compreender as lógicas que relacionam a objetivação dos produtos da Cooperativa com a ampliação das tramas que estabelecem as parcerias.

*O Instituto foi criado em 2008 né. A gente já tinha uma escola técnica lá em Colorado, naquela região que tem este sistema de produção mais plantation mesmo né. Mas assim, a partir de 2008 que começa a atuação. Aqui em Porto Velho a gente tem dois campings, a gente tem o Zona Norte e o Calama né, e o zona norte começou a operar em 2013.*

*A gente tá tentando, nós estamos estudando o desenvolvimento de um tingimento que seja utilizado pra, nas roupas. E ele seria mais um elemento de produção também dentro deste processo.*

Essa demanda explicita o caráter de compromisso identitário que acompanha regularmente a objetivação dos produtos da Cooperativa, inclusive, envolvendo o IFRO em propósitos de mudança de seus próprios procedimentos e conhecimentos.

*An- Tingimento natural, como?*

*Ro- Tudo natural. Sem qui..., só com química orgânica. Nada inorgânico como parte do processo. Então assim, a gente, é **dolorido essa construção, por que assim, quando a gente pensa em química, a gente já pensa em química inorgânica, então a gente tem que agora desenvolver toda uma capacidade de pesquisa pra desenvolver esse produto sem inserção de química inorgânica.***

*Nosso Campus ele tem uma característica de gestão né, ele tem, é, tem curso na área de gestão pública, de gestão comercial, e a gente tem um projeto de ação de planejamento estratégico também, então já tem todo um quadro de profissionais ligados a área de gestão. E **as conversas que nós tivemos com a Marina nós percebemos que havia uma***

**necessidade de ajustes nestes aspectos, na área de gestão, na área de gestão de processos, gestão de produção, de gestão comercial.** A gente percebeu que tinha alguns procedimentos que precisariam ser melhorados, em gestão financeira, todo esse enquadramento né, pra que a cooperativa tivesse uma possibilidade de desenvolvimento.

[...] as mudanças que aconteceram aqui na loja foram parte de um projeto de extensão que foi desenvolvido pelo campus. Alguns professores do campus juntos com os cooperados. Aí foi proposto um projeto de extensão que captou recursos, e esses recursos foram utilizados nessa pequena mudança que tá tendo aqui. **Mas na verdade este projeto é bem maior, a ideia é a gente cuidar muito o eixo do quem tem hoje de termos de produção.** Hoje a produção ela se concentra em alguns elementos, e assim, de forma muito isolada, isso faz com que o artesão, os cooperados, eles acabam não tendo um **retorno financeiro que dê sustentabilidade pra eles e pra cooperativa.** Então a gente percebe assim que este espaço aqui, ele é um espaço um pouco de aglutinação, eles se reúnem muito aqui. Mas em termos comerciais ainda tem uma resposta muito pequena, quase que insignificante diante da necessidade da cooperativa. A ideia é a gente **criar agora espaços de comercialização outros né, dentro da cidade e buscar parcerias com o governo do estado, buscar parcerias com a prefeitura, pra gente encontrar outros espaços onde a gente possa expor os produtos que são produzidos aqui.** E também que a gente consiga criar parcerias mostrando o desenvolvimento social gerado pela cooperativa para outras organizações da cidade, principalmente algumas organizações comerciais maiores que tem aqui, e a gente consiga inserir este produtos dentro deste, da rede comercial da cidade, então a gente passaria ter um espaço de, pra comercialização maior, e aí poderia aumentar nossa produção, e aumentando nossa produção, automaticamente, gerar uma renda que seja suficiente para que os artesões sobrevivam disso. **Tornar a atividade mantenedora deles. Essa é a ideia.** E junto com isso a gente tem, o projeto também engloba que a gente consiga desenvolver as parcerias necessárias para que se tornar um processo produtivo perene. **Aí envolveria as sementes, envolveria as bonecas, as biojóias, cadeias produtivas.**





Imagens 19 e 20: nova decoração da loja. Fonte: arquivo da autora.

### 3.2.2 Comunidades ribeirinhas

As comunidades ribeirinhas, conforme o Decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, são definidas pelo Estado como povos e comunidades tradicionais<sup>11</sup>. Sendo assim, as comunidades ribeirinhas possuem

[...] características e especificidades socioculturais no que se refere à forte identidade com o local que habitam, às formas de apropriação e de usos do território e de seus recursos naturais. Esses usos são

<sup>11</sup> Segundo o Decreto n.º 6.040, “[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2007).

mediados por códigos morais, relações de parentesco e vizinhança, configurando uma organização social particular, essencialmente relacionada à história das comunidades e ao lugar de moradia (LASCHEFSKI, 2011, p. 30).

Desde o início deste estudo, o estabelecimento de parcerias e a sustentabilidade dos povos ribeirinhos e extrativistas são fortemente mencionadas nos discursos das associadas e associados e estão inseridas entre as pautas principais da Cooperativa Açaí. Para Dalvani, a compreensão de que o conhecimento do ribeirinho *“seja transformado em geração de renda, porque é um conhecimento que mantém o planeta”*, expressa a importância destes povos para a cooperativa, mas também para toda rede Justa Trama como nos fala Nelsa: *“Fortalecer a Cooperativa Açaí pra nós também é fortalecer a Amazônia”*.

Segundo os dados oriundos das entrevistas e conversas informais, inclusive as que antecederam visitas, foi possível identificar que as comunidades ribeirinhas, antes próximas de Porto Velho, eram parceiras regulares das cooperadas, através de redes constituídas para coleta de sementes. Atualmente, ao contrário do que desejam as associadas da cooperativa, essas comunidades se encontram em uma dupla distância: uma distância territorial e também uma distância relacional frente ao projeto inicial da cooperativa, no qual se estabeleceriam laços sociais e comerciais permanentes com essas comunidades.

Esse distanciamento aconteceu devido a dois eventos principais: i) a construção da hidrelétrica Santo Antônio que, devido ao alagamento de uma grande extensão de área habitada, forçou as comunidades ribeirinhas próximas de Porto Velho a deslocamentos, distanciando-os de sua principal fonte de alimento e renda, o rio Madeira; ii) uma enchente histórica<sup>12</sup> ocorrida no ano de 2014, que provocou também o deslocamento de moradores ribeirinhos.

Das comunidades ribeirinhas mais distantes, com as quais a Cooperativa Açaí reorganizou vínculos e parcerias para obtenção de sementes, realizei uma incursão etnográfica em São Carlos do Jamari. Esse caso, inclusive, apresenta a especificidade de ser uma comunidade ribeirinha amazônica e isso traz algumas especificidades. Para apresentar um pouco do que representa a Amazônia em termos mais amplos, estima-se que ela possui, segundo Pereira (2016), o “maior

---

<sup>12</sup> Sobre a enchente histórica ver a matéria publicada no Portal Globo.com. Disponível em <<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/03/menor-cheia-do-rio-madeira-completa-um-mes-e-rio-continua-subir-em-ro.html>> Acesso em:

ambiente de sociodiversidade e biodiversidade do planeta e a maior reserva de florestas latifoliadas tropicais do mundo” (PEREIRA, 2016, p. 27). Em relação a grande quantidade de rios, a “Amazônia brasileira possui 50% do potencial hidroelétrico do país [...] 25 mil quilômetros de rios navegáveis, o que equivale a 1/5 da água doce do planeta [...] e detém 12 milhões de várzeas e terras férteis”. (PEREIRA, 2016, p.27). Esses dados nos fornecem uma breve noção do que estamos falando quando nos referimos à Amazônia e as complexidades que envolvem as populações ribeirinhas amazônicas.

A escolha por São Carlos se deu por conta da maior facilidade de acesso ao local em comparação com outras localidades ou distritos que podem levar até 14 horas de barco, única forma de acesso. A estadia nesta comunidade teve a duração de três dias, sendo eles: sexta-feira, sábado e domingo dia de segundo turno das eleições municipais, em 2017.

O distrito de São Carlos do Jamari<sup>13</sup> está localizado às margens do rio Madeira, mais precisamente na região denominado Baixo Madeira, na zona rural de Porto Velho, RO, sendo, portanto, região Amazônica. O início de sua formação se confunde com a formação do estado de Rondônia, sendo a localidade mais antiga do estado. “Fundada em 1723 pelo padre jesuíta João Sampayo a primeira povoação da margem direita do rio Madeira, a Missão de Santo Antônio do Alto Madeira, na foz do rio Jamari” (LIMA, 1991, p. 70, apud CAETANO, SILVA, ALVES, 2017, p. 351).

O Distrito é composto pela Reserva Extrativista do Cuniã (RESEX)<sup>14</sup> e diversas comunidades menores denominadas “colocação”<sup>15</sup>, este termo era utilizado na época da extração da borracha para identificar os locais onde eram “colocadas” as famílias de seringueiros. A região central de São Carlos era o ponto de concentração da borracha vinda das localidades ou colocações da região, ali “*passava o navio pra levar a borracha*”, e na década de 80 se tornou Distrito de

---

<sup>13</sup> Pela Resolução n.º 122, de 21-11-1985, é criado o distrito de São Carlos e anexado ao município de Porto Velho. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=110020> Acesso em 05.03.2017.

<sup>14</sup> Com área de 75.876,67 hectares a Reserva Extrativista do Cuniã foi criada em 1999, Decreto nº 3.238 de 10 de novembro de 1999. Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros/amazonia/unidades-de-conservacao-amazonia/2035-resex-lago-do-cunia>> Acesso em 21.03.2019.

<sup>15</sup> Segundo Silva, “Colocação é o termo que se utilizava para definir a localização da barraca do seringueiro. Centro das estradas de um seringueiro” (Silva, 2010, p.67 apud Pinto, 1993, p. 197 Ibid 2000).

Porto Velho. A comunidade foi se formando durante o ciclo da borracha e após o término deste passaram a trabalhar na pesca e extração da castanha e açaí.

Atualmente, para se chegar a Porto Velho, região urbana mais próxima de São Carlos, pode-se optar pela estrada de chão (inaugurada em 2007) ou, para quem não disponibiliza de moto ou carro próprio, tem o ônibus que sai pela manhã da localidade para a zona urbana de Porto Velho e retorna à noite, ou ainda, pode ser utilizado o táxi no valor de R\$ 50,00 por pessoa. A outra opção é por barco descendo o rio Madeira, estes podem ser grandes como o barco “recreio” ou pequenos como a “voadeira”, por exemplo, como são chamados os pequenos barcos a motor mais rápidos ou os chamados barcos de linha que têm dias e horários fixos para sair e voltar. A viagem pode durar de 3 a 8 horas, dependendo do tamanho e potência do barco. Segundo dona Raimunda, moradora no local desde seu nascimento, antes de ter essas opções de transporte mais rápidos, a viagem até Porto Velho durava 3 dias.

Os moradores mais antigos do local com quem conversei relataram ter vindo ainda pequenos para a localidade, acompanhados de seus pais que trabalhavam com a extração da borracha. Após o fim do ciclo da borracha, passaram a trabalhar na pesca e extração da castanha e açaí. A pesca para consumo próprio é prática comum também para aqueles e aquelas que trabalham em outras atividades.

A população não possui carros, pois a única estrada existente está ainda em fase de construção e dá acesso à Reserva Extrativista do Lago Cuniã (RESEX), contudo, há uma grande circulação de motos e bicicletas. A balsa existente é de propriedade da madeireira que faz o manejo de madeira; no caso de alguém precisar fazer alguma travessia com maior carga, como carro, o encarregado de fazer o pedido a madeireira para ceder a balsa é o administrador.

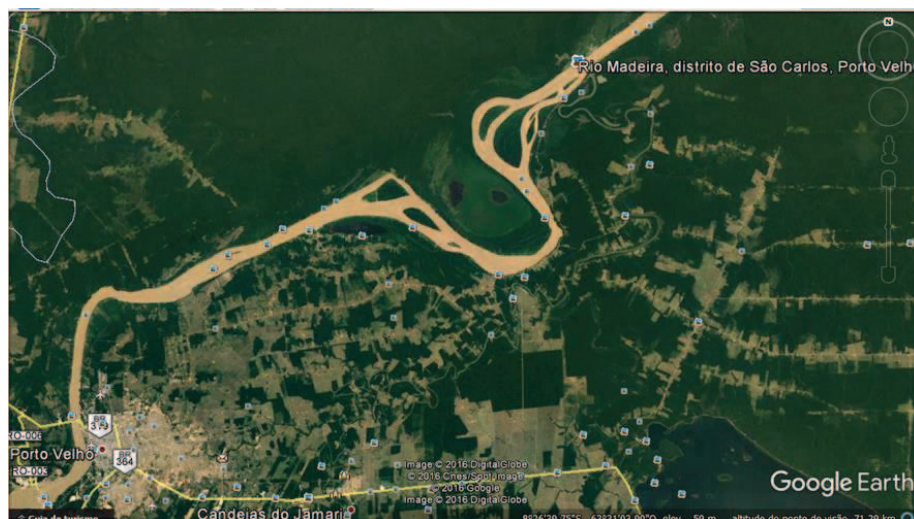


Imagem 21: localização do Distrito de São Carlos do Jamari, em relação a Porto Velho.  
Fonte: Google Earth.

Na intenção de conhecer as duas vias de transporte, optei por ir pela estrada e de carona na motocicleta de Farias, associado da Cooperativa, e voltar para Porto Velho de barco. A estrada tem um pequeno trecho de asfalto e o restante, que é de chão batido, no período desta pesquisa estava em más condições, com muitos buracos alagados e trechos quase intransitáveis. A viagem normalmente tem a duração de pouco mais de uma hora para aqueles que estão acostumados com o trecho, porém, nós levamos três horas de moto. Saímos da zona urbana de Porto Velho através da estrada da penal, que tem este nome porque os presídios de Porto Velho estão localizados ao longo dela. Durante o trajeto observa-se muitas palmeiras de diversos tipos como babaçu, tucumã, inajá, açai e muitas castanheiras, que são árvores muito altas. Passamos por um CTG-Centro de Tradições Gaúchas, escolas em bom estado de conservação e muitas igrejas localizadas em pequenos aglomerados de casas. A estrada termina perto da foz do rio Jamari no rio Madeira, local de saída do barco de travessia do rio até São Carlos. A travessia demora em torno de 5 minutos e custa R\$ 8,00 por pessoa, se necessário, é possível levar motos. Atravessamos com o barco Salmo 23, de propriedade do senhor Domingos, mais conhecido como Zico.



Imagem 22: Rio Jamari, Zico e seu barco Salmo 23. Fonte: arquivo da autora.

Para a volta foi utilizado o barco de linha que sai da comunidade ribeirinha de Calama as 10h da manhã e passa em São Carlos por volta das 16 horas. No domingo de meu retorno passou as 17h, chegando no terminal hidroviário de Porto Velho Cai n'água as 23h. Este tipo de barco não se aproxima da margem do rio, o recolhimento de pessoas e pacotes é feito por um barco menor de motor, a "voadeira", manuseado por dois homens. O valor da passagem do barco é de R\$ 50,00, saindo de Calama, e R\$ 40,00, saindo de São Carlos. Neste valor estão incluídos o almoço e a janta para quem vem de Calama e janta para quem vem de São Carlos. No dia de minha viagem a janta era feijão, arroz, macarrão tipo espaguete e frango frito, acompanhado de um copo de refrigerante. A forma de pagamento era negociável, por exemplo: uma senhora estava indo para Porto Velho para receber a aposentadoria de sua mãe, então combinou que pagaria a passagem na volta para Calama.

O barco possui três pisos, sendo que o primeiro e o segundo parecem estar destinados mais à acomodação dos passageiros e o último como espaço para apreciar a paisagem, ouvir música, jogar cartas e usufruir do bar. Nos dois primeiros pisos ficam as redes levadas pelos próprios passageiros, para poderem descansar e dormir durante a viagem, além de darem um colorido especial ao barco. Não foi possível fazer uma contagem de quantos passageiros estavam no barco, mas todos

os espaços eram ocupados por adultos, jovens, crianças e poucos idosos. Como eu não possuía uma rede, uma senhora disse para me acomodar em cima de uma mesa de madeira, onde estavam depositadas muitas malas e sacolas.

O distrito possui uma pequena pousada e um hotel ainda em construção, posto de saúde, um único cemitério, subdelegacia, ginásio de esportes, internet via venda de senha (R\$ 3,00 o dia) ou pacotes e campo de futebol, o qual serve também como ponto de pouso para helicóptero. O helicóptero vai ao local para remoção de doentes ou para levar políticos. A energia elétrica é produzida por meio de geradores movidos a biodiesel e a água é proveniente de poços artesianos, tratada e armazenada em caixas d'água (R\$ 10,00 por mês). Possui uma escola até o ensino médio, local onde ficaram as urnas para votação do segundo turno das eleições municipais. Os partos, exames médicos são encaminhados pelo médico do posto de saúde e realizados nos hospitais e clínicas em Porto Velho. As ruas são estreitas, tipo passeios de concreto e a ligação com as comunidades vizinhas, antigas colocações, é feito por caminhos, "trilhos" marcados no chão pela passagem de bicicletas, motos e pessoas a pé. Os mercados pequenos existentes estão espalhados pelo distrito e na opinião de Raimunda, irmã de Pedrinho, as coisas em São Carlos são bem mais caras que em Porto Velho. As casas são majoritariamente de madeira; as construídas depois da enchente são mais altas, e quem teve melhores condições financeiras construiu de alvenaria. À beira do rio Madeira foram instalados vários bancos ou mesas com bancos fixos muito usados pelos moradores para momentos de lazer. No rio a circulação de barcos e balsas é grande, mas o que chama a atenção pelo número são as dragas que fazem garimpo no rio.

Muitos moradores são funcionários públicos, trabalham na escola, posto de saúde, subdelegacia ou nos serviços gerais de obras e manutenção. Estes funcionários juntamente com os aposentados ou recebedores de algum tipo de benefício, necessitam ir para Porto Velho para receberem. Outros trabalham com o extrativismo e pesca, entretanto algumas opções como o açaí diminuíram bastante devido a enchente, nestes casos, para muitas pessoas o garimpo de ouro no rio Madeira está sendo uma alternativa importante.

Para além do reconhecimento dos vínculos com as comunidades ribeirinhas que atravessam regularmente os discursos de sustentabilidade das cooperadas da Açaí, buscava com essa incursão também apreender as lógicas e estratégias

operadas na reorganização das redes tecidas em tais parcerias para a obtenção das sementes. Esses propósitos já haviam sido objetivados na parceria da Cooperativa com o IFRO.

A expectativa de reorganizar a rede com as populações ribeirinhas foi renovada com a participação do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) na pessoa do professor Ronilson. Para ele, a cooperativa Açaí, com seu trabalho com sementes iria “*conseguir captar esta produção desses ribeirinhos*” agregando mais renda a essas famílias.

*o Ribeirinho ele é, ele tem uma dificuldade muito grande pra encontrar elementos que deem sustentabilidade pra ele [...] e eles não conseguem também ter renda a partir daquilo que eles fazem ali. Aí, se você observar, a gente tem estudos que demonstram que eles têm um pouquinho de agricultura, eles têm um pouquinho de pesca, eles têm um pouquinho de extrativismo vegetal né [...] A ideia é a gente tornar este processo de extrativismo de produtos não madeireiros sustentável pra eles, a ponto deles conseguirem se manter ali [...]. Por que a gente sabe que é uma ligação muito forte. Isso é algo que vem desde os ciclos da borracha, muito forte entre essas pessoas e o meio onde ele subsiste.*

Em diálogo com Ribeiro (2010, p. 51), a ligação entre os moradores dessas comunidades, a floresta e o rio é mencionada como modo de vida único.

Ao vivenciar a imensidão da floresta, [...] cria e recria modos únicos de uma vida ribeirinha [...] assim, o rio e a mata ultrapassam o limite da materialização e ganham representações culturais para o grupo, como consequência podemos perceber que essa apreensão não homogeneizada do espaço vivido é percebida pela naturalidade como o pescador vivencia o rio [...].

E assim retoma Ronilson, justificando a parceria da Cooperativa com essas comunidades:

*Para o ribeirinho também é a mesma condição. E assim, hoje a gente tem um problema muito sério pra esses produtores extrativistas, daquele atravessador. Esse atravessador, com essa perspectiva deixaria de existir, porque a cooperativa receberia, e modelo cooperativo é muito simples, aquilo que é ganho da cooperativa é ganho de todos né, seria repartido com todos. Então, agrega esse valor a isso.*



Dessa forma, no discurso do representante do IFRO, a parceria iniciada para a produção de uma tintura orgânica se amplia e diversifica buscando, segundo ele, alcançar sustentabilidade para os parceiros envolvidos.

*Um outro detalhe também que você pode fazer, pode fazer, nós vamos fazer uma pesquisa de mercado para tentar identificar quais são os elementos que o mercado quer adquirir, não é o que a gente quer produzir, mas o que o mercado quer adquirir. Pra gente poder a partir disso buscar aqueles produtos com maior valor agregado pra dar uma condição de vida melhor pra essa pessoa que está fazendo este extrativismo lá também. Então assim, é melhorar o processo de trabalho deles e ao mesmo tempo tentar agregar maior valor aos produtos deles. Eu sei que quando a gente fala dessa forma, você desculpa eu falar que eu sou administrador, a gente não está falando aqui de mudar as características destas pessoas, ou de mudar as características de produção delas, ou inserir elementos meramente financeiros dentro do processo. A ideia é que a gente dê para essas pessoas uma condição de vida melhor, pra que elas possam produzir e manter-se a partir desta produção delas. O grande problema hoje é que essas pessoas trabalham muito e ganham muito pouco. E aí assim, estão vivendo numa condição muito precária, e isso não é, vamos dizer assim, não é natural. O processo não deve ser desta forma. O processo deve ser de tal forma que eles consigam ser inseridos no processo produtivo e que **aquilo seja elemento de sustentabilidade** e sustentação pra eles. Sustentabilidade num sentido mais amplo da palavra. Mais essas pessoas consigam viver e viver bem daquilo que fazem.*

Porém, o que ocorre atualmente na relação entre a Cooperativa e as comunidades ribeirinhas está em uma fase preliminar, considerando tais propósitos. O que percebi dessa interação, no Distrito de São Carlos do Jamari, é que ela é sazonal e por demanda. Ao acompanhar Farias, constatei que a demanda por sementes é direcionada a um agenciador local do Distrito, que a transfere aos trabalhadores das plantações de castanha. Geralmente, na ida para as plantações, ou no retorno das mesmas, esses trabalhadores coletam as sementes, segundo o tipo e quantidade especificados pelo agenciador. As sementes foram entregues ao agenciador e, posteriormente, a Farias, em garrafas PET. No período de nossa visita ao Distrito, a quantidade encomendada permitiu que Farias levasse as sementes na moto. Quando a quantidade excede a capacidade da moto, Farias as remete para Porto Velho de barco.



Imagem 23: Mesa com bancos à beira do rio.



Imagem 24: Campo de futebol.



Imagem 25: Produção de tapioca.



Imagem 26: Bombons de castanha produzidos por Rita

### 3.2.3 Hidrelétricas e MAB-Movimento dos Atingidos por Barragens

As artesãs da Cooperativa, alguns moradores de Porto Velho e moradores do Distrito de São Carlos com quem conversei expressam em diversos relatos as implicações que as construções das hidrelétricas de Santo Antônio (3.150MW) e Jirau (3.450 MW) (LASCHEFSKI, 2011) trouxeram para seu dia a dia. Essas implicações vão desde as belezas naturais extintas, como a cachoeira de Teotônio, que “era a coisa mais linda, que virou só pedra”, e o estouro do boto na boca do rio Jamari, até a explicação sobre escassez e morte de peixes, além de muitas árvores e palmeiras estarem na “química do rio”. Para os senhores Pedrinho e Márcio, esta química foi produzida porque na natureza muitas plantas contêm algum tipo de “veneno”.

As hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, ambos projetos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)<sup>16</sup>, são referidas pelos entrevistados como as responsáveis pela diminuição dos peixes no rio e pela enchente de 2014. As duas hidrelétricas estão localizadas no rio Madeira, na cidade de Porto Velho, com distância entre elas de cerca de 110 km. Ainda na mesma região, no rio Jamari, foi construída na década de 1980 a hidrelétrica de Samuel, a pouco mais de 50 km de distância da zona urbana de Porto Velho, através da rodovia 364.

É importante compreender aqui que, apesar dos rios serem públicos, a energia produzida pelas hidrelétricas neles construídas é considerada um bem comum necessário para o desenvolvimento da sociedade como um todo. Sobre o uso dos rios, Laschefski (2011, p. 40) explica que, de acordo com a legislação brasileira, os rios são declarados como públicos. Contudo, a construção de hidrelétricas inibe o uso comum de determinadas áreas por populações específicas, como no caso discutido aqui, as comunidades tradicionais. Nestes casos, segundo a legislação, o Estado justifica a sua apropriação para a produção de energia. Na praxe do processo de licenciamento, a energia produzida é considerada um bem comum necessário para o desenvolvimento da sociedade como um todo, e, dessa forma, segundo a opinião hegemônica, há uma utilidade pública mais importante do que o uso do rio pelos moradores locais (LASCHEFSKI, 2011, p. 40).

Ocorre que a construção das hidrelétricas afetou não somente o uso das águas dos rios pelas comunidades locais, mas também desestruturou as redes de sustentabilidade tecidas entre os ribeirinhos, como evidenciamos em outro estudo (LOPES, SCHIERHOLT, 2018). Nesse processo, as ações empreendidas pela Cooperativa para reorganizar suas redes com os ribeirinhos encontra outra parceria: o MAB-Movimento dos Atingidos por Barragens, da região, que trabalha em negociações com essas três hidrelétricas.

Minha interlocução com o MAB ocorreu através de Márcio, que tem 42 anos e está há 30 anos na região de Porto Velho. De pai seringueiro, veio com a família do Amazonas no ciclo da borracha e trabalhou como seringueiro durante cinco anos. Antes de morar em São Carlos, morou na região onde foi construída a hidrelétrica de Samuel. Como coordenador do MAB de São Carlos faz muitas viagens para levar formação às regiões que têm projetos de construção de hidrelétricas, mostrando os

---

<sup>16</sup> Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2015/09/energia-renovavel-representa-96-dos-investimentos-do-pac>> Acesso em 14.01.2017.

benefícios e malefícios dessas construções e informando quais são os direitos dos atingidos. Os agentes do MAB trabalham com 150 famílias, divididas em 8 grupos em São Carlos. Márcio enfatizou que, para conseguir apoio das comunidades locais para as construções, os agentes das hidrelétricas dizem que “vai ter emprego, vai ter energia barata e de qualidade, ter desenvolvimento da capital e tudo de bom!”.



Imagens 27 e 28: Local das reuniões do MAB e demais associações locais. Fonte: arquivo da autora.

Porém, em relação aos prejuízos sofridos pelas populações ribeirinhas, devido às consequências das construções, Márcio retruca esses agentes, afirmando:

*“Vocês não assumem, mas vocês sabem que vocês conseguiram eliminar a pesca, o pescador tá sem produção! Como vocês vão trabalhar agora pra atender a demanda do pescador, em que sentido vocês vão trabalhar?” Então a gente precisa ter a nossa renda que a gente tinha antes, a gente precisa manter a família da gente, a gente precisa ter uma... não vida tão boa, mas pelo menos a alimentação do peixe, então a gente vai trabalhando nesse sentido. Questão da cheia: veio a cheia, destruiu várias casas, então a gente precisa de uma ajuda e a gente sabe que tem consequência disso (da hidrelétrica).*

Afirma ainda que, durante a enchente de 2014, tiveram uma luta de três meses pelo direito ao abrigo digno durante a cheia, para não ir para as barracas da Defesa Civil, que colocam as pessoas em situação de precariedade. “Nós brigamos muito porque, caramba, a gente já tinha sofrido, tinha saído das nossas casas, tinha ido pra aqueles abrigos e aí iam tirar nós, colocar debaixo da lona!”.

Os agentes da Defesa Civil apontavam que existiam diversas áreas que poderiam fornecer uma moradia digna para os desalojados, como as áreas do exército e da hidrelétrica Santo Antonio, que não atendiam. Para evitar essa precarização, os agentes do MAB fizeram visitas em todos os colégios nos quais estavam sendo abrigadas famílias para orientá-las a não aceitar ir para as lonas, buscando enfatizar que tinham o direito de moradia digna. E assim conseguiram que pagassem um local para moradia no valor de R\$ 500,00 para aluguel e cesta básica completa durante um período de 6 meses, prolongado por mais 6 meses, para desocupar as escolas.

Márcio relata o que foi observado na construção da hidrelétrica Samuel: após interromper a vazão de água do rio Jamari por três meses, para represar a água, a matéria orgânica que se formou no espaço que ficou alagado fermentou e quando a água foi liberada os peixes “foram morrendo [...] as praias do Jamari era tudo peixe podre”. Na ocasião da construção das hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, o MAB orientou tirar todas as madeiras da área onde seria o reservatório e colocar as raízes e árvores em locais onde chegasse a água, contudo, a água cobriu todo esse material e quando soltaram a água veio com toda essa química, e quando a água baixou ficou o sedimento contaminado e o que era adubo virou veneno.

*Com a construção da Samuel, foi no período da ditadura - não teve audiência pública, não teve nada, vou fazer, vou construir e pronto, eles construíram - prenderam a água por 3 meses até represar [...] quando liberaram essa água, ela fermentou pelo lado de cima com todo tipo de cipó, timbó, apuí, o que tinha lá. Então quando ele soltou essa água ela veio [...] matando toda espécie de peixe, o que não morria era aquele que conseguiu ir pra terra, jacaré, tracajá [...] o Jamari todinho era uma praia de peixe podre. Com a construção de Santo Antônio e Jirau nós avisamos: Se não tirar a madeira de dentro vai acontecer pior que isso, por causa que no Jamari tem o timbó, tem outras espécies de árvores que são veneno, mas aqui no rio madeira tem o principal que chama-se açacu, umas toras enormes que usam pra fazer flutuante [...] ele tem um leite de uma capacidade tão grande de matar peixe, animal, árvore, que você não faz ideia e o que dá nesse madeira é essa árvore. E aí o que que eles fizeram na construção da Santo Antônio e Jirau? Dentro do reservatório, do polígono como eles chamam, é pra eles tirar toda madeira com a raiz e os galhos e colocar numa área onde a água não chegasse, esse era o trabalho que era pra eles fazer. Aí o que que eles fizeram? Cortavam a madeira, a que era madeira de lei eles vendiam, venderam muita madeira pra fora, cavavam aqueles enormes buracos, jogavam a madeira dentro e cobriam, enterraram, eles fizeram isso muito, fizeram muito isso! [...] Aquelas que não prestavam eles cortavam elas e*

*iam empilhando né, então tem algumas regiões aí que tem aqueles cemitérios que chamamos de madeira né. Com o represamento da água foi cobrindo tudo aquilo, foi cobrindo aquela que tava aterrada, já fermentada, foi cobrindo aquela que tava toda cortada e foi entrando né [...] Quando eles soltaram, que foi no período das cheias que foi em 2014, veio com toda essa poluição, toda essa química [...] quando baixou ficou esse sedimento contaminado aí, em vez de virar adubo, virou veneno e aí matou tudo, tudo! (Márcio).*

Outros relatos nos auxiliam a compreender que a desestruturação das redes de sustentabilidade dos ribeirinhos levou vários deles a buscarem alternativas ocupacionais relacionadas às novas condições ambientais geradas pelas hidrelétricas. Assim, Márcio afirma que a pesca antes das barragens “não tinha coisa melhor, tirava R\$ 1.200,00 no mês, hoje tem meses que dá só pra alimentação”. Da mesma maneira, outros moradores do Distrito contam que todos aqueles que estão trabalhando como “bandeirinhas”, como são chamados quem faz a travessia do rio, eram pescadores, no entanto, quando construíram a hidrelétrica acabou o peixe e, com a construção da estrada, compraram os barcos. Começaram com a “rabetinha” própria para pesca que já possuíam e, conforme foram melhorando, compraram a “voaderinha”, através de financiamentos.

### **3.2.4 Loja Aeroporto**

As negociações da cooperativa com os pontos de venda de camisetas são feitas em cima do valor que a Justa Trama vende as peças. Neste caso, a Justa Trama repassa 20% do valor de cada camiseta para a cooperativa e o ponto de venda acresce a porcentagem que desejar.

A Cooperativa Açai firmou recentemente parceria para a venda de camisetas da Justa Trama. O processo consiste na seleção de pontos de venda de interesse da Cooperativa e posterior oferta de produtos aos seus proprietários. Com Cintia e Rosana, clientes de Giovani (artesão da Cooperativa) há sete anos e sócias em 2 lojas, entre elas uma no aeroporto, a oferta para colocar as camisetas da Justa Trama partiu de Giovani. As lojas “Floresta Delícias da Amazônia”, de Cintia e Rosana, são caracterizadas por trabalharem com a venda do artesanato regional, e não, por produzi-lo. De produção própria, somente os bombons feitos de castanha e cupuaçu. Giovani é o fornecedor de peças em miniaturas, ímãs de geladeira, peças

de ouriço da castanha, cascas de cupuaçu para embalagens de presente e polpa de cupuaçu para fabricação de bombons.



Imagens 29 e 30: Logo da loja Floresta e visão interna. Fonte: Arquivo da autora.

Cintia explica que compra a polpa e casca do cupuaçu de Giovani porque ele realiza um processo diferenciado na quebra da casca e na retirada da polpa. A quebra da casca é feita de forma a poder utilizá-la como embalagem. Após quebrar a casca, ela vai ao sol para secar, a seguir é lixada e nela se inscreve “Porto Velho – Rondônia”. Nestas cascas são colocados doces, bombons, etc., sendo embaladas com papel tipo celofane e amarradas com os talinhos de açaí, servindo a embalagem de souvenir, após consumidos os doces e bombons. Para a retirada da poupa é utilizada uma tesoura ao invés da máquina despoldadeira, proporcionando um doce de melhor qualidade. Segundo Cintia, esse processo é mais caro, cerca de R\$ 10,00/kg de polpa, enquanto a polpa de cupuaçu retirada com despoldadeira

custa R\$ 7,00, mas apresenta qualidade menor devido ao acúmulo de muita água na polpa.

As peças artesanais produzidas por Giovani, como ímãs e chaleirinhas, começaram a ser vendidas somente a partir da abertura da loja no aeroporto. Na loja do centro essas peças não tinham procura. As vendas de biojoias são recentes e são encomendas particulares feitas diretamente com Cristiane e Marina, somente para a loja do aeroporto. Os preços das biojoias são considerados bem em conta e os pagamentos às artesãs e artesãos são efetuados sobre as vendas, geralmente de 15 em 15 dias.

*A gente nunca trabalhou com biojoia, porque tanto aqui na loja como no shopping não tinha procura de biojoia, nós já tentamos, já colocamos, já colocamos expositores tanto aqui como no shopping e não tínhamos nenhuma procura. Éh, o cliente ele, ele queria produto mais em conta, então ele vai levar um bombom, ele vai levar uma coisa menorzinha, poucos são aqueles que procuram de fato né e aí **no aeroporto nós percebemos a diferença do, do público né. O cliente ele quer a biojoia, ele quer a pulseirinha, ele quer levar, tanto é que nós tivemos que ajustar todo um padrão de produtos, então o que vendia muito no shopping lá não vende.***

*[...] tanto é que, **quando a Rosana fica lá na loja, ela sempre tá com uma blusa mais neutra e ela coloca um colar, coloca um brinco, oferece, isso é bem bacana (riso). É um produto acessível né, o produto da, da Marina é um produto bem acessível, é um produto em conta e aí a gente coloca no saquinho com lacinho, na sacolinha, dá uma incrementada né e tá saindo, tá tendo boa aceitação. A gente nunca tinha visto sair assim dessa forma como tem a saída lá (Cintia).***



Imagem 31: Ecojoias criadas pelas artesãs Marina e Cristiane. Fonte: Arquivo da autora.



O trabalho com as camisetas da Justa Trama já tem pouco mais de um ano e também somente na loja do aeroporto. Juntamente com as camisetas da Justa Trama oferecem camisetas de outra fábrica, que tem inovado bastante na variedade de modelos. Para Cintia, a camiseta da Justa Trama é boa, porém bem simples, “não é atrativa” e a saída é média. O argumento de ser um produto diferenciado, feito com algodão agroecológico, não é usado no aeroporto porque a venda é efetuada de forma muito rápida. Considera que “se a Justa Trama tivesse mais diversidade seria um sucesso, porque o trem e a estrada de ferro não são atraentes e Porto Velho tem outras coisas pra mostrar”.

*Então éh... a gente vende pra mulher, homem e criança. A Justa Trama não tem uma, pelo menos no nosso ponto nós não temos uma camiseta infantil, que é muito procurada né, e nós não temos. A camiseta da Justa Trama é uma camiseta simples né, no meu ponto de vista. É uma camiseta boa, é uma camiseta que tem uma saída média, mas uma camiseta tradicional, uma blusinha com uma caixa d'água, não é uma camiseta atrativa vamos dizer assim. Ela tem uma saída média né, então as estampas que eu conheço é a caixa d'água e trem só (Cintia).*

Cintia explica ainda que o aeroporto não tem voo à tarde. Geralmente são 4 ou 5 voos de manhã, para lugares próximos como para Rio Branco, onde a cultura é muito parecida e não ocorrem vendas, e os voos bons para venda são aqueles para a regiões sul e nordeste, que acontecem na madrugada. O atendimento na loja do aeroporto é feito de acordo com os horários dos voos, normalmente das 20h às 2h da manhã e das 9h até 14h.



Imagem 32: Peças feitas por Giovani. Fonte: Arquivo da autora.



Imagem 33: visão parcial da vitrine da loja no aeroporto. Fonte: Arquivo da autora.

E aqui segue a articulação entre os processos de objetivação e singularização dos produtos da Cooperativa Açaí por entre as parcerias firmadas. As exposições de Cintia, sobretudo, permitem reconhecer critérios estabelecidos nessas parcerias que atuam sobre os regimes de valor dos produtos.

### 3.2.5 O Polo de beneficiamento de sementes

O Polo é o espaço onde seria realizado todo o processo de beneficiamento de sementes que, devido ao às condições insalubres como poeira e barulho, não podem ser feitas no local da loja da Cooperativa. O local onde está sendo construído foi comprado com financiamento do CONOSUD<sup>17</sup> e a obra está em fase de conclusão. O local escolhido está localizado junto ao Parque Natural Municipal de Porto Velho, também conhecido como Parque Ecológico, localizado a 15 km do centro de Porto Velho, contém floresta e é rico em palmeiras como babaçu e tucumã.

Dalvani explica

<sup>17</sup> Trata-se de financiamento da Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários, da Espanha, em parceria com a UNISOL. Disponível em: <http://www.unisolbrasil.org.br/cooperativa-acai-comemora-10-anos-em-grande-estilo/> . Acesso em: 20.07.2017. Para além do CONOSUD, a Justa Trama conta com parcerias no Brasil e no exterior: UNISOL Brasil, Fundação Banco do Brasil, Tecnologia Social Fundação Banco do Brasil, Instituto Lojas Renner, ONU Mulheres, Petrobras, Fundação Luterana de Diaconia, Garraf Coopera, NEXUS Emilia Romagna. Disponível em: < <https://www.justatrama.com.br/parceiros/>> Acesso em> 24.03.2019.

*O polo, quando nós compramos o polo a nossa visão foi que nós tivéssemos **um local que mostrasse pra nós a sustentabilidade**, que tivesse **um ambiente onde tu tivesse contato real com o que tu tá produzindo** entendeu, então, quer dizer assim, um local onde tem bastante éh... floresta, é um local onde a gente quer transformar num ambiente onde você tenha fruta de lá, tenha o chá natural de lá pra você tomar um lanche [...] e muitas das próprias palmeira tem lá, [...] o babaçu, a tucumã, você pode adquirir de lá e **isso vai dá um pouco de responsabilidade social pros próprios artesões**, que do jeito que eles tão transformando aquele ambiente eles sabem que **da mesma maneira nós temos que levar pro ribeirinho, da mesma maneira pro extrativista, então quer dizer, essa mentalidade que nós queremos construir lá [...]** quando gente pensou **não foi só um local onde eu fosse fazer a biojoia, foi um local onde eu tivesse todos os estágios pra que eu tivesse realmente uma identidade.***



Imagem 34: Parque Natural Municipal onde foi construído do Polo da Cooperativa.  
Fonte: arquivo da autora.

Aqui, a exposição de propósitos de Dalvani evidencia como a articulação entre a objetivação dos produtos da Cooperativa e as parecerias estabelecidas em sua trajetória configuram um compromisso identitário. Desde sua exposição, explicitam-se registros que permitem compreender que as representações construídas nas parcerias nacionais foram objetivando esses compromissos identitários com atores reconhecidos nas redes locais de sustentabilidade. E desde as exposições dos parceiros, essas representações também se evidenciam.

Assim, a compra do terreno e a construção do polo de beneficiamento de sementes desde o início estiveram vinculadas aos parceiros e projetos da Justa Trama. De acordo com Nelsa, a construção do polo está vinculada a projetos que financiavam a construção de sedes:

*A gente conseguia apoio pra sedes, então, essa entidade da Espanha ela quem nos ajudou pra essa sede aqui, depois nos ajudaram pra gente comprar uma sede que é onde tá a cooperativa Nova Geração, que tem... hoje atende 56 crianças, que é uma cooperativa de educação que era pra atender nossos filhos, netos tal e as pessoas que mais precisam da comunidade e, depois daí, a gente levou a demanda do polo e aí eles falam: “puxa se vocês foram legais, tocaram esse aqui, tocaram esse então vamos apoiar também com esse” (Nelsa).*





Imagens 35 e 36: interior do Parque Natural e o Polo em construção. Fonte: arquivo da autora.

Porém, as dificuldades de incrementação do Polo foram subestimadas no projeto de sua objetivação e, em novembro de 2016, Nelsa, atual presidente da Justa Trama, esteve em Porto Velho para reunir-se com a diretoria da Cooperativa Açaf. Nesta reunião, foi sugerido pelos membros da diretoria da Cooperativa vender o polo e comprar uma casa perto do Rio Madeira, no centro de Porto Velho. Os argumentos que impulsionaram a decisão estão relacionados a algumas mudanças de interesses da Cooperativa, em focar sua produção na confecção de bonecas. Outros problemas, como a dificuldade em relação à distância do polo ao centro de Porto Velho, a demora e os impasses para colocar energia elétrica no local e o risco constante de perderem o espaço onde está a loja, contribuíram para a decisão. A isso se somou a questão da Cooperativa de não trabalhar apenas com sementes, mas também com outros materiais, como destaca Giovani:

*se no caso a gente focasse lá dentro, se fosse um tipo só de coisa, como a Cooperativa ela não é feita, por exemplo, não é só semente, se o nosso fosse só semente, então, tudo que você olhava aqui era semente então ficaria fácil de você fazer qualquer tipo de atividade. Se o polo fosse só semente você colocaria tudo relacionado à semente [...] aí vamos dizer, no caso das bonecas: costura, como você vai colocar dentro do polo éh, beneficiamento de sementes, fazendo pó aquele negócio todo, que levanta muito pó na lixa e ter a confecção? Então, não tem como você fazer as duas, as duas atividades na mesma... Então fica difícil, aí a ideia que a gente trocou com a Nelsa, na última vez que ela teve por aqui, é de vender e tá conseguindo comprar a nossa sede aqui, usar a venda do polo e comprar a sede aqui (Giovani).*

A parceria com o IFRO também evidenciava propósitos que seguiam essas orientações de compromissos identitários. Sobretudo, no mapeamento dos processos produtivos, o Professor Ronilson indicou perspectivas de superação de algumas segmentações. Nos processos de beneficiamento das sementes e montagem de biojoias e ecojoias são utilizados equipamentos como a morsa, na qual é feito o processo de marchetaria e também para prender peças que serão serradas, um esmeril adaptado para o uso de diversas lixas (Arlete referiu-se a 12 granas diferentes), furadeira, mandril, serra e a rola utilizado para o polimento final das sementes. Cada cooperado executa algumas ou todas as etapas citadas acima. Algumas sementes são mais caras, como a Jarina, porque vem do Acre, e o coco porque é mais difícil e demorado para atingir o resultado desejado. Este é usado na fabricação dos botões para a Justa Trama e somente um cooperado é quem atualmente os produz.

*E com relação as biojoias a gente tá iniciando o processo de construção, a gente já mapeou o processo de fabricação da boneca e agora a gente tá tentando ver se consegue inserir elementos de melhorias neste processo, pra dar mais agilidade pra eles e facilitar também o trabalho né, pra parte deles, e oferecer elementos de qualidade pra esta boneca, pra que depois não tenha nenhuma reclamação em relação as bonecas. Então, a gente tá trabalhando nisso, nesta parte do processo de produção, e ao mesmo tempo a gente tá trabalhando nesta vertente de abrir outros espaços pra comercialização. E tentar desenvolver agora, neste momento, a questão da biojoia, inserir, mapear o processo, tentar ver onde a gente pode inserir elementos como design, como características regionais neste design, coisas deste tipo a gente pretende fazer também com a biojoia, daí depois a gente busca mercado também pra esses produtos (Ronilson).*

### **3.3 SUSTENTABILIDADE E REDES DE SUSTENTABILIDADE**

Essa seção final do capítulo tem a intenção de explicitar as concepções de sustentabilidade e redes de sustentabilidade constituídas das articulações anteriormente destacadas. Para tanto, exponho a seguir alguns depoimentos das artesãs e das parceiras que enfatizam os propósitos mais manifestos compartilhados nas redes estabelecidas, mas também algumas exposições que explicitam arranjos que ainda devem ser tecidos, na trajetória dessas articulações.

Inicialmente, Nelsa destaca o quanto o acompanhamento da trajetória da Cooperativa foi importante para reconhecer as mudanças havidas no ambiente local e avaliar seus impactos sociais na região e na organização daquela.

*É que a gente acompanhou muito a Cooperativa Açai num processo anterior às grandes represas, às grandes usinas que foram construídas lá e aí é como se tivesse vindo uma avalanche. Agora veio a usina, veio aquele monte de gente, virou a cidade pelo avesso, investiu em poder ter locais pras pessoas morarem, ficarem... Foram feitos investimentos, o estado de Rondônia não pode usufruir de nenhum KWATTS dessa energia gerada lá, mas, no entanto, **muito da natureza foi transformada, muitas famílias deslocadas e também o principal ponto de venda que eles tinham que era na beira do rio Madeira**, acho que é aquele rio que tem ali perto (A: Uhun) ele foi retirado sabe, e ele era um ponto bom de comercialização. Então **quando foi embora toda a construção das usinas a sensação que eu tenho toda vez que eu vou lá é que voltou a pobreza piorada de antes, essa é a minha sensação de Rondônia** (Nelsa).*

Já o depoimento de Ronilson, na sequência, vai enfatizar um equilíbrio necessário a ser construído nas relações entre cidade e floresta amazônica, como seres vivos. Seu discurso enfatiza que ambas se transformam pela ação de humanos e não humanos, interagindo na efetivação de trocas.

***É, a gente tem que entender que a floresta Amazônica é um ser vivo como outro ser vivo. Eu considero é, a minha perspectiva de visão do mundo, é de que tudo é ser vivo, então essa cidade também é um ser vivo, ela pulsa, através das nossas ações ela também vive né. Assim como a floresta também vive através de tudo que existe dentro da floresta e tal. A gente precisa encontrar uma forma de equilíbrio entre seres vivos. Seres vivos vivem para fazerem trocas, a gente faz troca, a gente doa e a gente recebe, e a gente precisa encontrar uma forma de estabelecer essa relação de forma equilibrado.***

*[...] a gente tem que entender que a floresta é tão importante quanto a cidade, que as pessoas que estão na floresta são tão importantes quanto as pessoas que estão nas cidades, e respeitando isso a gente estabeleceu uma linha que consiga gerar um processo produtivo de recebimento e doação também pra floresta.*

E é justamente na efetivação de trocas, entre humanos e não-humanos, na cidade e na floresta, que ele reconhece um ideário de construção das redes de sustentabilidade.

*A gente tem, dentro do projeto a ideia é que a gente construa uma rede de sustentabilidade, de sustentação com o projeto. Governo do estado, município, né, outros órgãos, organismos, que possam colaborar de alguma forma. Como eu falei pra você, a gente tem vários projetos submetidos em editais, que seria uma forma deles participarem junto com a gente né. Então assim, a gente tá formando essa cadeia, tá construindo isso. O meu trabalho de dissertação foi relações inter organizacionais. Então, a ideia é que a gente estabeleça essas relações inter organizacionais e dê sustentação pro projeto, pra que ele não se, não dependa de pessoas, **que ele seja um projeto mais dentro do ideário, o ideal de construção.***

No discurso de Ronilson, o deslocamento das representações acerca das trocas entre humanos e não-humanos, entre cidade e floresta, para um ideário de construção das redes, é justificado pelo entendimento das redes de sustentabilidade como tramas organizacionais.

Esse mesmo princípio de entendimento é utilizado por Nelsa, na sequência, ao enfatizar a lógica de organização da diversidade, na cadeia Justa Trama. Porém, mesmo reconhecendo um princípio de diversidade operando essa lógica, ela também reconhece a relativa autonomia expressada nas representações das associadas da Cooperativa e nas marcas identitárias que as mesmas imprimem na configuração da Justa Trama e nos produtos que confeccionam.

*[...] a Efafe participa das feiras e vende os produtos de todo mundo, a Cooperativa Univens aqui, a gente participa das feiras e vende os produtos de todo mundo, a Dec já fez venda dos produtos de todo mundo e a Açaí também. Então, na verdade **todo mundo quando vai vender não vende os produtos de um, vende os produtos da Justa Trama que são a diversidade que é.***

*A. O Giovani chegou me comentar, não foi na última vez porque ele não estava, ele estava em viagem, mas de pensar uma linha de biojoias e ecojoias específicas pra Justa Trama. Isso aconteceu?*

*Não chegou acontecer, mas é legal que daí pudesse ser mais com tecido, talvez né.*

*E a Cooperativa Açaí, de modo especial no período que a Dalvani estava, era uma das que conseguiam fazer falas pra fora sabe, de eventos assim, ah tem um evento lá em São Paulo e precisa ir falar da Justa Trama, a Dalvani ia lá e falava, **falava muito da Amazônia e falava da Justa Trama.** Agora, hoje quem tem uma participação mais ativa na Justa Trama é a Cristina e o Giovani, que é presidente da Cooperativa. A Antônia muito tempo, todos eles já participaram diretamente né, a Arlete e*



*a Antônia tiveram participações nas reuniões, demarcaram muita presença, a Marina né, mas todos eles já passaram pelo conselho administrativo. Então, não tem como não escrever a história, escrever a história da Justa Trama sem ter uma marca forte da Cooperativa Açaí. As pessoas as vezes podem achar 'ah, mas é só o botão!' Não, o botão é muito! As pessoas se encantam quando a gente vai falar e mostra o produto que é feito lá, não faz ideia que podia tirar do coco, fazer um botão sabe, nem imagina o processo como é feito, então pra gente, nós da Justa Trama também poder ter eles bah, ir lá pros rios, ribeirinhos, ver como é que o pessoal colhe o açaí, como é que faz o botão de tucumã sabe, como é que faz esse processo todo é algo muito encantador (Nelsa).*

Por fim, é justamente nessas tramas organizacionais que as pendências enfraquecedoras das redes de sustentabilidade são identificadas. No caso da Cooperativa Açaí, seu atual presidente, assim como a presidente da cadeia produtiva Justa Trama, indica fatores relacionais ainda em suspensão.

*A Nelsa conseguiu inserir a gente no projeto na UNISOL pra gente arrumar um contador aqui pra regularizar a situação da Cooperativa, né, e a UNISOL disponibilizaria R\$ 1.500,00 lá pra poder fazer o serviço aqui, só que a gente foi em vários contadores e foi aberto o edital 3 vezes, as pessoas dizem que vão se inscrever e não se inscreve e aí depois eles... confesso que é muito pouco pra gente estar trabalhando! (Giovani).*

*Porque a Justa Trama, isso nós já decidimos há tempo já, a Justa Trama, **ninguém de nós pode esperar da Justa Trama que ela dê demanda pra, pra sustentar todas as Cooperativas**, é algo que nós estamos construindo, que vem num crescente sabe. O agricultor, ele planta o algodão, mas ele planta o gergelim, planta o milho, ele planta o feijão, ele não vive só do algodão. A Cooperativa que faz o fio ela faz o fio da Justa Trama, mas ela faz o fio pra mais um monte de gente; a Cooperativa Univens ela costura as roupas pra Justa Trama, mas ela costura pra mais um monte de outros e aí a gente quer que esse crescente venha e nos absorva cada vez mais, mas, enquanto isso, cada um tem que buscar outros mercados também e sentir aqui como algo que vai te fortalecendo, fortalecendo, que é teu sabe. **E a Cooperativa Açaí falta esses outros, sabe, que venham enquanto a Justa Trama vem com força né** (Nelsa).*

*Eu consigo vê, olha como eu imagino a Cooperativa Açaí, acho que era muito legal se tivesse um espaço lá na cidade, de produção, que não fosse dentro da loja necessariamente, sabe, onde elas pudessem tá produzindo de forma coletiva, junto (Nelsa).*

#### **4. DA COLETA DE SEMENTES AOS PRODUTOS DA COOPERATIVA**

Até aqui, as descrições que caracterizaram a formação da Cooperativa Açai e seus processos produtivos e de constituição de redes de sustentabilidade, permitem reconhecer que o universo amazônico das sementes era um universo familiar e próximo às artesãs de Porto Velho. As transformações operadas nesse universo, desde a construção das hidrelétricas regionais, deslocam-no para comunidades distantes, onde as atividades que antes constituíam as redes de sustentabilidade tiveram que ser reorganizadas. Daí que, ao projetarem um ideário de sustentabilidade nas relações com ribeirinhos, extrativistas e etnias indígenas da região, essas artesãs estão projetando um compromisso identitário com os mesmos. Se essas redes ainda estão em estágios preliminares de organização, como constatei na visita ao Distrito de São Carlos do Jamari, os princípios que orientam esses compromissos já foram consolidados na trajetória das parcerias que enredam a sustentabilidade da Cooperativa.

Agora, cabe expressar como ocorreu a diversificação dos produtos objetivados e descritos no capítulo anterior, de maneira a refletir acerca das práticas integradas na ressignificação das sementes nesses produtos.

##### **4.1. SEMENTES**

Antes de apresentar as formas encontradas pelas artesãs para adquirir suas sementes, cabe destacar que para a população ribeirinha as sementes se encontram ainda no universo familiar, devido a forte ligação dessas populações com o meio ambiente. Foi o que observei durante uma conversa com Márcio, morador de São Carlos do Jamari.

Em julho de 2018, período de realização de minha última incursão de pesquisa, combinei com Márcio, morador do distrito de São Carlos, mencionado acima, um encontro em Porto Velho para atualizar as informações sobre as encomendas de sementes. Marcamos como ponto de referência em frente à Cooperativa e dali nos dirigimos à estrada de ferro. Com ele estava Gabriel, responsável pela parte de logística do NAPRA<sup>18</sup>, que com o auxílio de Márcio iria

---

<sup>18</sup> O Núcleo de Apoio à População Ribeirinha da Amazônia – NAPRA teve sua origem em 1993, quando estudantes da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade São Francisco (USF), de

comprar os materiais necessários<sup>19</sup> para a aplicação de um mini curso de confecção de bijoias e ecojoias, ministrado por Márcio na RESEX do Cuniã. Enquanto conversávamos sentados nos bancos virados de frente para a Avenida Farquar e de costas para o rio Madeira, fiquei impressionada com a naturalidade com que Márcio identifica uma semente. Márcio se inclina ainda sentado e recolhe por entre a grama algumas sementes vermelhas e explica: “*olha só, estas sementes tem um brilho natural, não precisa de acabamento*”. Depois olha pra cima, em direção a arvore enquanto mexe as sementes em suas mãos. As sementes referidas são sementes de tento, são bem duras e ideais para utilizar na confecção de bijoias e ecojoias.

Mas as sementes utilizadas na produção da Cooperativa não estão disponíveis como nesse encontro com Márcio. Os cooperados e cooperadas da Cooperativa Açaí adquirem as sementes, ouriços da castanha ou cocos de diversos fornecedores e vendedores: Marina, Farias, Rui, Feira do Agricultor e indígenas Apurinã são os identificados até então. Na região ainda há aquelas sementes que podem ser coletadas nos arredores de Porto Velho ou em sítios. Entretanto, por diversas vezes, a expressão utilizada pelas artesãs de que “a Cooperativa Açaí era pra ser referência em sementes” deve ser aqui flexibilizada, em decorrência das dificuldades encontradas pelas mesmas para alcançar este objetivo. Para além das demandas sazonais de coleta no Distrito de São Carlos do Jamari, descritas anteriormente, cabe agora expor as dinâmicas de interação com as sementes que são produzidas no cotidiano da Cooperativa.

As sementes de Jarina utilizadas por alguns cooperados na produção de peças são compradas de Marta. Marta é mineira, artesã e comerciante de sementes, residente em Porto Velho há dez anos, tem uma loja em espaço alugado no Mercado Municipal desde 2011, bem perto da Cooperativa Açaí. Na loja comercializa diversos artigos do estilo hippie, como pulseiras, brincos e colares, artefatos indígenas como arco e flecha, pulseiras e colares de tucumã, feitos pelos

---

Bragança Paulista, SP, participaram de um projeto da Igreja Católica chamado Missões Rondônia. É uma organização privada sem fins lucrativos que tem a missão de apoiar as comunidades ribeirinhas e promover a formação de estudantes e profissionais para ação comunitária no contexto amazônico. Atualmente, estudantes e profissionais de diversas outras universidades do Estado de São Paulo – tais como USP, UFSCar, FAMECA, UNICAMP, PUC-Campinas foram se associando ao NAPRA. Seus trabalhos são direcionados à área de saúde, educação, meio ambiente, oficinas de teatro e batucada, oficinas do levante da juventude, exibição de filmes e documentários, círculos de mulheres entre outros. Disponível em <<http://napra.org.br/o-napra/>> Acesso em 20.03.2019.

<sup>19</sup> Os materiais comprados foram: fechos de metal para colares, pulseiras e chaveiros; rolos de fio encerado de diversas cores, ganchos para brincos, entre outros.

indígenas Apurinã<sup>20</sup>, chaveiros pirografados “Porto Velho – RO”, cuias para tacacá com desenhos pirografados, pinturas com temas da mata amazônica, brincos feitos com capim dourado, entre outras peças.

Marta conta que o marido e os filhos também trabalham com sementes, seja no beneficiamento ou na produção de peças. Seu esposo compra as sementes, as beneficia e revende, para o trabalho de secagem aluga um terreno para dar conta da quantidade de sementes com que ele trabalha. A Jarina que Marta comercializa e utiliza nas suas peças vem de Plácido de Castro, cidade do Acre na divisa com a Bolívia ou, como na última vez que comprou, o fez junto a um indígena Apurinã que esteve em sua para oferecer suas peças. Marina ressalta que é obrigatória a retirada da nota fiscal porque é proibida a compra de Jarina não beneficiada, ela consegue comprar pelo fato de ser pessoa jurídica: “Eu sô pessoa jurídica né, pra, se você tira nota, paga o imposto tudo direitinho, aí pode vir”. A quantidade comprada normalmente são dez sacos, do tipo “saca de açúcar”, e paga R\$ 400,00 cada saco. As encomendas são enviadas de Rio Branco para Porto Velho através da empresa de ônibus EUCATUR. A relação de Marta com os cooperados é destacada por ela como uma parceria: “quando eles precisam, me encomendam”. Nesse sentido, Marta agrega aos níveis nacional e regional das parcerias da Cooperativa um nível mediador, entre a proximidade dela com as artesãs e a distância entre elas e o contexto de procedência da Jarina.

Apesar do grande uso da Jarina entre os artesãos da Cooperativa, Giovani prefere não trabalhar com esta semente e discorda do seu uso porque não é uma semente originária da região de Rondônia: “*É considerada o marfim brasileiro porque ela é muito dura, é bonita, sai uns trabalhos muito bonito, só que não é nosso*”. Por curiosidade, tentou plantar várias vezes a semente de Jarina, mas não conseguiu fazer com que a muda vingasse.

Farias, ex-sócio da Cooperativa, comprador e revendedor de sementes coletadas nas comunidades ribeirinhas – com o qual fizemos a visita ao Distrito de São Carlos do Jamari – nos explicou que após a construção da hidrelétrica essas comunidades foram deslocadas para áreas mais distantes do rio Madeira, onde não trabalham mais com as sementes ou pesca. Explica que anteriormente a esta

---

<sup>20</sup> Ver SANTOS, Edna Dias dos. Povo Apurinã: valorosos guerreiros e exímios artesãos. Disponível em: <[www.amazonlink.org/amazonia/culturas\\_indigenas/povos/apurina.html](http://www.amazonlink.org/amazonia/culturas_indigenas/povos/apurina.html)> Acesso em 22.03.2019.

construção comprava sementes das famílias ribeirinhas, próximas da zona urbana de Porto Velho. Agora, algumas das sementes com as quais ele trabalha só são encontradas muito longe dali:

*eu pegava muito dos ribeirinhos daqui do, do outro lado do rio, eu pegava lá próximo à cachoeira, só que o que acontece, com a vinda da hidrelétrica alagou-se esses locais e aí as pessoas foram praticamente expulsas, né, então o paxiubão, o buriti, dessas comunidades já não posso mais pegar, aí tá vindo agora do Acre pra mim.*

O trabalho de Farias hoje é basicamente com sementes como paxiubão, jarina, açaí, buriti e tucumã, exporta as sementes para França, Estados Unidos e Canadá, mas com a crise caíram bastante as exportações, bem como as vendas em geral. Seus contatos no exterior foram estabelecidos através das feiras que frequenta. Quando fala das distâncias que foram aumentando em relação às sementes, destaca: “é que o mato já tá ficando cada vez mais distante, pra ti ter uma ideia eu cruzava aqui, não dá quatrocentos metros, aí agora é um condomínio”.

Na época em que comprava as sementes em Porto Velho mesmo, trabalhava com 10 das famílias ribeirinhas, cerca de duas, três toneladas numa média de três meses no ano, entre os períodos do açaí das águas e o açaí da seca, rendendo em torno de R\$500,00 para cada família. O restante do ano essas famílias trabalhavam com a coleta do açaí. A comercialização de suas peças é feita em sua banca na Feira do Sol, a qual fica aos cuidados do filho ou de uma colega que tem também banca na Feira, pagando esta com uma porcentagem das vendas feitas por ela. Devido ao seu trabalho com o beneficiamento das sementes, Farias fica na banca somente aos sábados e domingos, e diz que apesar da crise as vendas são bem satisfatórias.

Nos fundos de sua residência em Porto Velho tem um espaço adaptado para o beneficiamento de sementes, com todo o maquinário necessário para o trabalho. Recentemente, investiu R\$8.000,00 em maquinários para furar açaí que são utilizados por mão de obra no presídio masculino de Porto Velho. Segundo ele, as vantagens de não precisar pagar energia e direitos trabalhistas são muito boas, no entanto, tem problemas com a qualidade e com a produção das sementes, o que o fez perder clientes. Para a produção de uma saca de açaí furado paga R\$100,00 e cada presidiário teria condições de furar uma saca por semana, mas isso não tem ocorrido. De acordo como for avançando o processo de aprendizagem dos

presidiários, Farias visa ampliar o trabalho de beneficiamento para todas as etapas serem executadas dentro do presídio.

Rui da Cunha Ramalho Júnior trabalha com sementes há 20 anos e além de comercializá-las também as beneficia. A primeira semente que utilizou foi o açai, segundo ele, a partir de observar como os índios usavam a semente sem beneficiá-la. Nunca fez cursos, mas foi procurado pelo SEBRAE para ministrá-los, o que recusou. Contudo, através de um pedido particular de Farias o auxiliou em alguns trabalhos de manuseio e furação de sementes. Diz que é o primeiro a trabalhar com açai no Brasil e há 16 anos, no período de grande procura por açai, teve 30 funcionários furando a semente que vendia por R\$ 30,00 o milheiro, lhe rendendo R\$ 1.000,00 por dia. Atualmente, as vendas caíram bastante e o preço também. Seus melhores compradores são de São Paulo e Santa Catarina, ao preço de R\$ 15,00 o milheiro. As encomendas vão via correio, pago pelo comprador.

As sementes de jarina são as mais procuradas, basta “ter que tem quem compra”. A jarina é trazida por ele de Tarauacá - AC, faz as encomendas aos ribeirinhos que se organizam em torno de 20 pessoas e, dependendo da época, em 20 dias conseguem juntar a quantia e, quando tem 5 ou 6 sacos, busca de ônibus uma ou duas vezes por ano. O custo de um saco é de R\$ 300,00, somando R\$ 200,00 o preço por saco, mais o preço do transporte de voadeira<sup>21</sup> e ônibus. Além da jarina, sementes como patuá, paxiúba e paxiubinha, ele só obtém comprando de ribeirinhos.

Esses casos descritos representam dinâmicas envolvidas nas atividades das artesãs e explicitam elementos que atravessam o cotidiano da produção de biojoias. Nas imagens a seguir (38 a 44), busquei expor a diversidade de produtos que são confeccionados na Cooperativa. Nelas, percebe-se as variações de arranjos de sementes diversas, assim como as variações nas combinações operadas entre sementes e outros materiais. Vistas em conjunto, ou isoladamente, as imagens sempre expõem lógicas de representação da identidade regional amazônica.

---

<sup>21</sup> Embarcação de pequeno porte com motor acoplado, muito utilizado como meio de transporte nos rios amazônicos.



Imagens 37: Encomenda de Giovani de peças de jarina produzidas artesanalmente por Rui.  
Fonte: arquivo da autora.



Imagens 38 e 39: Ecojoia e biojoia. Fonte: arquivo da autora.





Imagens 40,41,42 e 43: ecojoias expostas na loja da Cooperativa. Fonte: arquivo da autora



Imagens 44 e 45: ecojoias expostas na loja da Cooperativa. Fonte: arquivo da autora.



## 4.2 BONECAS

Apesar do reconhecimento obtido na produção de biojóias, busquei evidenciar, no capítulo anterior, que a produção das mesmas regularmente é realizada por uma única artesã. Inclusive, a exposição final do depoimento de Nelsa já indicava a pendência que ela reconhecia de as artesãs realizarem mais produção coletiva. Agora, é justamente sobre essa dinâmica coletiva que passo a expor alguns depoimentos.

*[...] nós trabalhava assim, eu trabalhava aqui uma parte, a gente ficava mudando assim, vai eu trabalhava uma parte né e as menina trabalhava outra parte, na minha cortava, ía lá pra Cristina, a Cristina costurava, mandava pra dona Antônia, a dona Antônia enchia, devolvia pra mim pra mim arrumar os boneco [...] a gente trabalha com dificuldade porque a peça que vem de lá as vezes não encaixa com a que eu tenho aqui e aí muda a qualidade do boneco e a gente pra trabalhá tem que tê qualidade, eu acho que a coisa mais importante num trabalho assim em união é a qualidade, porque se você trabalhá uma peça e não tivé junto pra dizê "Aqui errô" né, você tem que trabalhá junto que é pra dizê "Não aqui não tá certo", cê viu lá, a gente tava corrigindo...então assim eu acho que nós vamo trabalhá melhor (Arlete).*

O destaque do depoimento de Arlete refere-se à sua concepção de trabalho coletivo: trabalhar juntos para aprender juntos e trabalhar melhor. Esse princípio também foi aprendido nas parcerias firmadas, seguindo as articulações discutidas no capítulo anterior.

Assim, uma das pautas mais discutida foi a questão referente aos preços dos bonecos feitos para a Justa Trama. Quando é feito o protótipo de um boneco para a Justa Trama, esta paga o valor de R\$ 50,00 e a peça passa a ser da Justa Trama. Desse modo o boneco confeccionado não pode, de forma nenhuma, ser comercializado pelos cooperados, a não ser pela rede Justa Trama, o que é questionado com veemência por uma cooperada: "Nós que fizemos o boneco, não podemos mais vender ele pra ninguém, um trabalho meu, isso não tem cabimento!" E acrescenta ainda: "Como se R\$ 50,00 pagasse uma criação". Alguns cooperados concordam que se utilizado os materiais da Justa Trama, poderia ser de exclusividade, mas no caso de utilizar outros tipos de tecidos a restrição seria descabida. Além disso, o valor pago para confeccionar os bonecos de tamanho

pequeno era de R\$ 14,00 e passou para R\$ 15,00, contudo, as cooperadas alegam que esses valores são muito baixos e que deveria ser de pelo menos R\$18,00, porque o preço de venda é de R\$ 35,00, e para a Cooperativa são enviados somente retalhos de tecidos, provavelmente sobras das peças de vestuário confeccionadas para a rede. Insistem ainda que esses preços não são pensados com quem faz os bonecos e que, frequentemente, mandam protótipos e “Nunca tá bom, o que é isso, nós somos parceiros ou empregados”.

Para a confecção das bonecas muitas vezes os tamanhos dos retalhos não têm dimensão suficiente para o molde, nestes casos adaptam-se os tamanhos de acordo com o tecido disponível. O mesmo acontece com o cabelo, a Cooperativa tem liberdade para adaptar o necessário de acordo com os retalhos enviados pela Justa Trama. No que se refere ao material para o enchimento, este é comprado pelas próprias cooperadas em uma loja de atacado em Porto Velho. Procuram comprar em quantidade de 10 kg, o suficiente para 200 bonecas, para receberem o desconto saindo por R\$ 19,00/kg, se comprarem em quantidades menores o valor sobe para R\$ 28,00/kg. A compra geralmente é feita por uma das cooperadas e Giovani fica encarregado de buscar com o seu carro. Os valores são divididos entre as cooperadas que fazem as bonecas de acordo com a quantidade que cada uma necessita e já estão incluídos nos preços pagos por cada boneca pela Justa Trama.

Sobre as etapas e processos necessários para a produção das cooperadas, Cristina explica que muitas vezes ocorrem problemas na confecção por não compreenderem bem o molde e fazerem errado. Foi o que aconteceu com os bordados de olhos, nariz e boca que devido às dificuldades encontradas pelas cooperadas, somente Cristiane fazia o trabalho. Para facilitar incluíram nos moldes as marcações dos locais dos olhos, nariz e boca e para identificar quem fez a peça foram distribuídas entre as artesãs as cores que cada uma deverá usar de acordo com as cores marrom, marrom claro e preto para os olhos e as cores vermelho ou rosa para a boca. Da mesma forma, para resolver as dificuldades que Cristiane encontrava para colocar o cabelo, desenvolveu uma técnica onde usa uma tiara, o que também diferencia suas bonecas das outras. Essas características podem ser visualizadas nas imagens abaixo, assim como as mudanças no design das bonecas, ao longo dos últimos três anos.



Imagens 47 e 48: Bonecas, fevereiro de 2016. Arquivo: fonte da autora.



Imagem 49: Bonecas, agosto de 2016. Fonte: arquivo da autora.



Imagem 50: Bonecas, fevereiro de 2017. Fonte: arquivo da autora.



Imagem 51: Bonecas, julho de 2018; Fonte: arquivo da autora.

No processo de acabamento das bonecas juntam todas as peças produzidas por cada cooperada, quando já tem uma quantidade grande de bonecas, escolhem uma sexta-feira para fazer o “mutirão” e agilizar as etapas de acabamento nas bonecas. A opção por este dia se deve à maior disponibilidade das artesãs e artesão para participar, mas mesmo assim é difícil conseguir com que todos venham. As etapas de acabamento consistem em costurar e aplicar a saia e colocar o cabelo. Neste dia, no qual Giovani participa nos trabalhos de abrir costuras e buscar materiais, etc., os valores desta etapa final são repassados para Giovani. Esta é

uma forma, segundo Cristiane, de Giovani também receber algum pagamento em cima das encomendas de bonecas.

E aqui, percebe-se que o processo de produção das bonecas envolve uma dinâmica de relações de trabalho que implica mais reciprocidade, entre as artesãs. Da mesma forma, porque esse processo está inserido em uma cadeia nacional de parcerias e articulações, ele gera mais reflexividade entre as artesãs e seus parceiros locais, na resolução de problemas que emergem na trajetória de objetivação dos produtos da Cooperativa. O depoimento do professor Ronilson, do IFRO, expõe uma síntese de alguns desses problemas.

*O processo das bonecas também se mantém, porque? **Porque tem uma iniciação social muito forte aqui na cidade, e a ideia é a gente expandir isso.** A gente hoje tem uma quantidade de cooperados que expandiram o processo produtivo que não seria suficiente pra demanda, então a ideia é a gente começar a fazer formação de pessoas e também capacitando elas pra essa produção de bonecas e dar a essas bonecas uma característica regional. Então elas seriam inseridas aqui um período, seria inserido um dia, seria inserido essas pessoas que vivem na floresta. Dá a esta boneca uma característica que vai falar “não, aquela boneca é de Rondônia”. Então essa é a ideia, à princípio (Ronilson).*

*A ideia é que a gente tenha um tecido da Justa Trama diferencial certo, então isso ainda está em fase transição. Hoje a gente produz pra Justa Trama né, e a gente vai começar a desenvolver atividades tentando criar um mix maior de compradores, pra que a gente possa também aumentar o nosso processo produtivo. Mas a ideia é que a gente, se a Justa Trama concordar, a gente é, adquirir os tecidos da Justa Trama pra processar estes produtos, estes tecidos então. Sem a ligação que a gente tem com a Justa Trama. **Os produtos da Justa Trama têm uma exclusividade, tem uma característica muito peculiar deles, e a gente mantém isso para os produtos deles, e dá uma outra característica para os outros produtos que a gente pretende fornecer pra outros organismos né***

*Hoje a gente tem algumas, tá começando a conversar a respeito de umas parcerias com algumas redes de lojas, no shopping que a gente em negociação pra abrir um espaço lá para a comercialização. São mercados que agregam valor aos produtos, são espaços que agregam valor aos produtos, e acabam dando uma possibilidade de uma inserção maior na própria produção, é, mantendo essas características artesanais, mais assim, que seja mais perene. **Que elas possam ter, todos os dias, aquele horário, poder se dedicar aquilo ali, e saber que vão receber por aquilo que elas estão produzindo né.** Isso é o que a gente pretende desenvolver.*

Por fim, nesse capítulo busquei expor as lógicas dos arranjos de organização do trabalho, na Cooperativa Açaí, considerando seus produtos principais: as biojoias e as bonecas de algodão. Na produção das biojoias, como se percebe desde o capítulo anterior, ocorre gradualmente a inscrição de um compromisso identitário construído nas interações dos parceiros da rede. Isso projeta nos produtos uma marca regional de identidade, que mescla diversidade regional e autenticidade. Embora a produção das biojoias seja individual, na Cooperativa, os arranjos de coleta das sementes e de distribuição da produção envolve parcerias em rede e atribuem um reconhecimento coletivo à Cooperativa. E é esse reconhecimento coletivo obtido na produção de biojoias que influencia os arranjos coletivos de organização do trabalho, na produção de bonecas para a Justa Trama.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou discutir em que medida os arranjos associativos estabelecidos pelas artesãs e artesãos de biojoias e ecojoias associadas (os) à Cooperativa Açai de Porto Velho-RO, tem produzido modificações tanto nos artefatos produzidos quanto em suas articulações em redes de sustentabilidade nacionais e locais. De forma a recuperar os principais apontamentos deste trabalho, apresento aqui uma síntese das observações feitas acima.

Para tanto, no segundo capítulo, mostrei como a cidade, a cooperativa e as mulheres configuram elementos das paisagens de vida dessas artesãs e como essa condição urbana da cidade influenciou a lógica de organização da cooperativa, a relação com a cidade e com o ambiente natural de seu entorno, assim como influenciou a articulação dos referenciais valorativos de sustentabilidade que aparecem nos discursos delas. A experiência urbana dessas artesãs condiciona suas percepções ambientais de sustentabilidade e de vínculos em redes que visam a reprodução das mesmas. A reprodução da condição social da mulher aparece no cotidiano das artesãs como diversidade de lógicas de ação, nos trabalhos que realizam.

Dando continuidade e já abordando as redes de sustentabilidade efetivadas pela Cooperativa, no terceiro capítulo, busquei apresentar as articulações operadas entre a crescente objetivação dos produtos das artesãs e as parcerias estabelecidas para tanto, de forma a identificar a formação de compromissos identitários nos planos coletivos em que se reconhecem. Esses compromissos identitários, sejam eles estabelecidos em redes nacionais ou locais, expressam princípios de organização das ações para a efetivação de redes de sustentabilidade.

Por fim, no quarto capítulo, apresento os processos e estratégias utilizadas desde a aquisição das sementes até a confecção dos artefatos produzidos pela Cooperativa. Dessa forma, evidenciei como a passagem da confecção de biojoias para a de bonecas explicita arranjos coletivos necessários nas tramas organizacionais do trabalho na Cooperativa. Enquanto a produção de biojoias, mesmo confeccionadas individualmente, gera representações de diversidade e reforça a construção da identidade amazônica, a produção de bonecas implica repensar o trabalho em coletividade, mesmo quando não expõe plenamente a

construção da identidade amazônica. Aqui, essa identidade é construída na composição de trabalhos parciais e recíprocos, mesmo quando isso gera questionamentos. Afinal, quem não se questiona, talvez não venha a conhecer o outro também.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADA, Cris Fernández. **Trabalho e política no cotidiano da autogestão: o caso da rede Justa Trama**. 217f. Tese Doutorado em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Paulo-USP, São Paulo (SP), 2013.
- ALVES, Elder P. Maia. As políticas de estímulo ao empreendedorismo cultural no Brasil: o Sebrae como um agente estatal de mercado. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 626-650, jun./dez. 2016.
- APPADURAI, Arjun. Mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008, p. 15-88.
- BAJOIT, Guy. **Tudo muda**; proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Ijuí, RS: Editora Unijuí/Lisboa: CEOS, 2006.
- BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**; política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Ed. UNESP, 1997, 264 p. (p. 11-71).
- BRANDÃO COUTO, Patrícia de Araújo. Ritual de Iniciação: Quando o campo evoca o próprio objeto através da experiência. p. 307 – 330. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.
- BRASIL. **Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 fev. 2007. p. 316. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em: 3 abr. 2018.
- CAETANO, R. F.; SILVA, R. N. P.; ALVES, E. S. O território como elemento constituidor da identidade sociocultural dos povos e comunidades tradicionais: A Constituição Sócio-Histórica da Comunidade Ribeirinha de São Carlos (Baixo Madeira, Porto Velho/RO). **Saberes da Amazônia**. Porto Velho, vol. 02, nº 05, Jul-Dez 2017.
- CASTRO, Nuno Filipe Castro. Do multiculturalismo ao interculturalismo. Um novo modo de incorporação da diversidade cultural? **Revista Ambivalências** v.5, n.9, jan-jun/2017 p. 10 – 35.
- CUNHA, Elton Alves da. A recente ocupação: Migração e territorialização em Rondônia. **XXVIII Simpósio Nacional de História Lugares dos Historiadores: Velhos e novos desafios**, Florianópolis, SC, 2015, 16 p. Disponível em <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434397453\\_ARQUIVO\\_ARECE\\_NTEOCUPACAO-editado.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434397453_ARQUIVO_ARECE_NTEOCUPACAO-editado.pdf)> Acesso em 10.01.2019.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**; para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2006.
- GAIGER, Luiz et al. **A economia solidária no Brasil**. Uma análise de dados nacionais. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2014.

- GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**; política, tradição e estética na ordem social moderna. SP: Ed. UNESP, 1997, 264 p. (p. 73-133).
- GRÜN, Mauro; PEIXER, Zilma Isabel; SIQUEIRA, Valdemar. Educação Ambiental: nos caminhos da cultura e novas sustentabilidades. GUERRA, Antonio Fernando Silveira; FIGUEIREDO, Maria Lúcia (orgs.). **As Sustentabilidades em diálogos**. 1 ed. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2010, pg. 107-124.
- HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v.5, 1995, p. 07-41.
- JIMÉNEZ, María Evelinda Santiago. Sustentabilidad a dos tempos. **Polis, Revista de la Universidad Bolivariana**, v. 8, nº 24, 2009, p. 357-382.
- KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas. In: APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas**; as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008, p. 89-121.
- LASCHEFSKI, Klemens. As tensões do lugar: Hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental. ZHOURI, Andréa (Org.). **Licenciamento e equidade ambiental**: As racionalidades distintas de apropriação do ambiente por grupos subalternos. Belo Horizonte: Editora UFMG 2011, p. 22-59.
- LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA, 2012; Bauru, São Paulo, EDUSC, 2012.
- LOPES, José Rogério. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. **Horiz antropol**. Porto Alegre, v. 15, n. 31, p. 331-335, junho de 2009.
- LOPES, José Rogério; TOTARO, Paolo. The learning of cultural diversity and the patrimonialization of biodiversity. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, RS, Vol. 52, nº 2, p. 196-204, mai./ago. 2016.
- LOPES, José Rogério; SCHIERHOLT, Anelise F. P. Produção de biojoias no norte do Brasil: análise dos impactos institucionais, ambientais e de mercado em redes de sustentabilidade locais. **InterEspaço**, Grajaú/MA v. 4, n. 12 p. 155-173, jan. 2018
- MONTERO, Paula. Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural. In: MONTERO, Paula (Org.). **Deus na Aldeia**: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo:Globo, 2006, p.31-66.
- NERY, Maria Salete S. A decepção de Tinkerbell e a luta das classificações: o artesanato, o governo federal e o SEBRAE. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, RS, Vol. 50, nº 3, p. 293-302, set./dez. 2014.
- PEREIRA, R. E. **Pela margem**: ribeirinhos e transformações sociais na Amazônia. São Paulo, 2016, 191f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- RIBEIRO, Marcela Arantes. **No espelho das águas**: Um lugar Ribeirinho no Rio Madeira. Dissertação de Mestrado em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Rondônia-PPGG/UNIR, 2010. Disponível em [http://www.mestradogeografia.unir.br/downloads/3376\\_marcela\\_arantes\\_2008.pdf](http://www.mestradogeografia.unir.br/downloads/3376_marcela_arantes_2008.pdf)> Acesso em 17.07.2017.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia da e na cidade: saberes e práticas. **Antropologia da e na cidade**, interpretação das formas e da vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual, 2003, p. 53-80.

ROMERO, Fanny L. **Relatório de visita**. Município Porto Velho - Rondônia, 2013 (Inédito).

SCHIERHOLT, Anelise F.P. Cooperativa Açaí, Porto Velho, RO: uma análise a partir das Trajetórias de seus associados. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Ciências Sociais. São Leopoldo: UNISINOS, 2016.

SCHIERHOLT, Anelise F. P. Relatório de visita. Município Porto Velho - Rondônia, 2016a (Inédito).

SEBRAE. **Mercado de Biojóias**. 2014. Disponível em: <[http://www.sebraemercados.com.br/wp-content/uploads/2015/11/2014\\_07\\_31\\_RT\\_Agosto\\_Moda\\_Biojoias\\_pdf.pdf](http://www.sebraemercados.com.br/wp-content/uploads/2015/11/2014_07_31_RT_Agosto_Moda_Biojoias_pdf.pdf)> Acesso em 20.09.2017.

\_\_\_\_\_. **Artesão de Biojóias**. Fortaleza, CE, 2016. Disponível em: <[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwj34\\_f5-rPWAhVGx5AKHWA6AugQFggnMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.uece.br%2Fprona-tec%2Findex.php%2Fdownloads%2Fdoc\\_download%2F2361-&usq=AFQjCNE3R6oYsHCaflzdE1XJaJJtwdUD4Q](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwj34_f5-rPWAhVGx5AKHWA6AugQFggnMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.uece.br%2Fprona-tec%2Findex.php%2Fdownloads%2Fdoc_download%2F2361-&usq=AFQjCNE3R6oYsHCaflzdE1XJaJJtwdUD4Q)> Acesso em 20.09.2017.

SILVA, Kelly Cristiane. O poder do campo e o campo do poder. **Entre saias justas e jogos de cintura**. Orgs. Alinne Bonetti e Soraya Fleischer. Florianópolis: Ed. Mulheres. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2007, p. 229-253.

SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura. In: SOUZA, Jessé; Öelze, Berthold (orgs.) **Simmel e a modernidade**. 2.ed. Brasília: EdUNB, 2005, p. 77-106.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOVIK, Liv. Apresentação. Para ler Stuart Hall. In: HALL, Stuart. **Da diáspora; identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: EdUFMG/Brasília: UNESCO, 2003, p. 9-21.

SPOONER, Brian. Tecelões e negociantes: a autenticidade de um tapete oriental. In: APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008, p. 247-298.

VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.) **Antropologia das sociedades contemporâneas; métodos**. SP: Global, 1987.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**; notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

WACHTEL, Nathan. **Deuses e vampiros**; de volta a Chipaya. SP: EDUSP, 1996.

WINKIN, Yves. **A nova Comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Org. Etienne Samain. Tradução Roberto Leal Ferreira. Papirus, Campinas, SP, 1998.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

## **ANEXO A – ROTEIRO BASE DE QUESTÕES ABORDADAS NAS INCURSÕES DE PESQUISA**

### **Questão 1 - relação entre biodiversidade e diversidade cultural**

- Como se dá a relação entre o projeto e suas matérias-primas (colheita, tratamento e aproveitamento - no projeto - de possíveis recursos naturais)?
- Há preocupação com a sustentabilidade desses recursos naturais?
- Sempre houve preocupação com a preservação da matéria-prima ou o foco nessa questão surgiu em determinado momento? Em que momento ou em razão de que?
- Há pesquisas ou informações técnicas sobre os recursos naturais utilizados? Há parcerias com ONGs, Institutos, Universidades ou outras organizações para discutir a utilização desses recursos?
- O que os membros do projeto (artesãos, extrativistas, etc.) pensam sobre a utilização das matérias-primas ou sobre a questão da sustentabilidade?

### **Questão 2 - a disjunção entre a sociedade instituída e o artesanato**

- Como se dá a relação entre o projeto e suas parcerias institucionais (ONGs, SEBRAE, Instituições Públicas)? Há conflito de interesses ou problemas para conduzir a relação? Há dificuldade para se adaptar às contrapartidas exigidas? Quais dificuldades e problemas são enfrentados nessas relações?
- Como os membros do Projeto se relacionam com essas parcerias? Aprovam, rejeitam ou não se envolvem nas decisões envolvidas?
- Quais as mudanças podem ser detectadas a partir do firmamento das parcerias? O que mudou após o estabelecimento dessas relações (para melhor e/ou pior)?
- Houve mudança nas técnicas de trabalho, comercialização e logística dos produtos/ projetos? Isso gerou modificações importantes no projeto (para melhor ou pior)?

### **Questão 3 - a passagem da concepção de cultura como recurso para a concepção de cultura como marca registrada**

- Existem propostas de criação de alguma “marca”, “linha de produção específica” ou “processo de certificação” vinculados(as) ao Projeto? Quais? Como se deu essa ideia? O que acarretou para o projeto?
- O que os membros do Projeto pensam dessas propostas? Se adaptam ou resistem?
- O que a criação de “Marca” ou a implementação de “processo de certificação” acarretou para as técnicas de trabalho, a comercialização e a logística dos produtos/projetos? Isso gerou modificações importantes no projeto (para melhor ou pior)?
- Há alguma mudança significativa no Projeto, nas relações entre seus participantes após a implementação dessas iniciativas?